

VII Encontro Nordestino de História Oral

ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS



CADERNO DE
RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

ISSN 2176-1647

Universidade Federal de Sergipe
26 a 29 de Outubro de 2009

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

VII ENCONTRO
NORDESTINO DE
HISTÓRIA ORAL

ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

CADERNO DE RESUMOS E PROGRAMAÇÃO

VII ENCONTRO
NORDESTINO DE
HISTÓRIA ORAL

ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

São Cristóvão, 2009

Editoração Eletrônica:

Adilma Menezes/CESAD - Centro de Educação Superior a Distância

E56e

Encontro Nordestino de História Oral (7. : 2009:
São Cristóvão, SE) VII Encontro Nordestino de
História Oral : oralidades, tempo presente e desa-
fios, São Cristóvão, SE, 2009. – São Cristóvão,
SE: Universidade Federal de Sergipe; Associação
Brasileira de História Oral, 2009.
104p.

ISSN 2176-1647

Caderno de resumos e programação.

1. História oral. I. Título

CDU 930.2

VII Encontro Nordestino de História Oral



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Reitor: Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor: Angelo Roberto Antonioli

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL

Presidente: Regina Beatriz Guimarães Neto (UFPE)

Vice-Presidente: Eurípedes Antônio Funes (UFCE)

Diretora Norte: Temis Gomes Parente (UFTO)

Diretor Nordeste: Antônio Fernando de Araújo Sá (UFS)

Diretora Sudeste: Maria Eliza Linhares Borges (UFMG)

Diretor Centro-Oeste: João Carlos Barroso (UFMT)

Diretor Sul: Robson Laverdi (Unioeste)

DHI - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - UFS

Chefe: Antônio Fernando de Araújo Sá

Vice Chefe: Lourival Santana Santos

GRUPO DE PESQUISA HISTÓRIA POPULAR DO NORDESTE

Coordenador: Antônio Fernando de Araújo Sá

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (DHI/UFS)

Prof. Dr. Augusto da Silva (DHI/UFS)

Prof. Msc. Bruno Gonçalves Álvaro (DHI/UFS)

Profª Drª Célia Costa Cardoso (DHI/UFS)

Prof. Msc. Claudfranklin Monteiro Santos (DHI/UFS)

Prof. Msc. Clébio Correia de Araújo (Departamento de História da UNEAL - Arapiraca)

Prof. Dr. Frank Nilton Marcon (Departamento de Ciências Sociais/UFS)

Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/UFS)

Prof. Dr. Itamar Freitas (Departamento de Educação/UFS)

Prof. Msc. José Vieira da Cruz (Universidade Tiradentes/SE)

Prof. Dr. Marcos Silva (DHI/UFS)

Thatiane da Cruz Santos (DHI/UFS)

COMISSÃO CIENTÍFICA

- Prof. Dr. Alesandro Portelli (Universidade La Sapienza/Itália)
Prof. Dr. André C. Gattaz (Universidade do Estado da Bahia)
Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza (Departamento de História/UFC/PB)
Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (Departamento de História/UFS)
Prof. Dr. Antônio Fernando Guerreiro Moreira de Freitas (Depto de História/UFBA)
Profa. Dra. Clara Fernandes Suassuna (Departamento de História/UFAL)
Profa. Dra. Clarice Mota (Departamento de Ciências Sociais/UFAL)
Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Departamento de História/UFS)
Prof. Dr. *Dilton Oliveira de Araújo* (Departamento de História/UFBA)
Prof. Dr. Edwin Reesink (Departamento de Antropologia/UFPE)
Prof. Dr. Él io Cantalício Serpa (UFG)
Prof. Dr. Eurípedes Antônio Funes (Departamento de História/UFC)
Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Departamento de História/UFPI)
Prof. Dr. Frank Nilton Marcon (Departamento de Ciências Sociais/UFS)
Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (Departamento de Ciências Sociais/UFS)
Profa. Dra. Janaína Cardoso de Mello (Núcleo de Museologia/UFS)
Prof. Dr. José Maurício Arruti (PUC/RJ)
Profa. Dra. Kenia Rios (Departamento de História/UFC)
Prof. Dr. Marcos Silva (Departamento de História/UFS)
Profa. Dra. Mariza Carvalho Soares (Departamento de História/UFF)
Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto (Departamento de História/UFPE)
Profa. Dra. Regina Helena Martins de Faria (UFMA)
Profa. Dra. Telma Bessa (Depto de História/UFC - Pesquisadora/Bolsista CNPQ/FUNCAP)
Prof. Dr. Ulisses Neves Rafael (UFS)

APOIO:

Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe
Banco do Brasil (Campus Universitário)
Deputada Ana Lúcia Vieira Menezes
Deputado Iran Barbosa
FUNCAJU
Secretaria do Estado da Cultura
SEGRASE
SINTESE

VII Encontro Nordestino de História Oral



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que a Universidade Federal de Sergipe, através do Grupo de Pesquisa História Popular do Nordeste, vinculado ao Departamento de História e ao Mestrado em Letras, e a Associação Brasileira de História Oral realizam o VII ENCONTRO NORDESTINO DE HISTÓRIA ORAL nesta primavera de 2009. Depois de um longo e bem vindo período de chuvas, vemos verdejar em Sergipe um evento que objetiva congrega pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação dos Estados nordestinos na promoção de debates sobre a oralidade, numa clara perspectiva interdisciplinar.

A escolha do tema foi oportuna por trazer à tona o debate sobre a história do presente como tempo da memória, em que, como ressaltou Roger Chartier, o historiador se vê contemporâneo de seu objeto, superando “a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve”¹. Por outro lado, a contemporaneidade e, sobretudo, a história do presente podem servir de laboratório de análise adequado para o conhecimento empírico dos tempos e de sua ação sobre a memória e sobre a história e sua escrita².

Para dar conta das principais questões levantadas pela produção da história oral no Nordeste brasileiro, montamos uma programação científica que também estabelecesse um diálogo com ou-

¹ CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janáina (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996, p. 216.

² CUESTA, Josefina. Historia del presente. Madrid: EUEDEMA, 1993.



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

tras regiões e mesmo países, como é o caso da Argentina, onde o debate cultural e político em torno dos presos políticos desaparecidos e seus filhos levantam reflexões interessantes sobre violação de direitos humanos, justiça e responsabilidade coletiva.

A composição dos Grupos de Trabalho e as propostas de mini-cursos demonstram a diversidade temática e a qualidade da produção intelectual nordestina sobre a história oral, consolidando o evento que, a cada dois anos, se realiza em um estado nordestino.

Além da dimensão acadêmica propriamente dita, buscamos promover atividades culturais, visando o conagraamento de todos os participantes com vistas ao fortalecimento da Regional Nordeste da Associação Brasileira de História Oral e ampliação do seu quadro de sócios.

Como empreendimento coletivo, este encontro somente foi possível graças à dedicação dos membros da Comissão Organizadora e Científica, bem como daqueles que apoiaram e patrocinaram as atividades do evento. A todos nossos sinceros agradecimentos.

Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá

Diretor da Regional Nordeste da Associação Brasileira de História Oral
Coordenador Geral do VII Encontro Nordestino de História Oral



ÍNDICE

- 11** PROGRAMAÇÃO
- 17** APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS
- 27** RESUMOS DOS TRABALHOS
- 29** Gênero, Identidade e História Oral
- 44** 45 anos do Golpe de 64: História, Memória e Oralidade
- 52** Linguagem no Contexto Social: História Oral como Fonte de Pesquisa Linguística
- 55** Narrativas e Memórias em comunidades tradicionais
- 68** Atuação de Movimentos Sociais e do Terceiro Setor no Brasil: Memória, Oralidades e Desafios
- 75** O Uso da História Oral na Reconstrução da Cidade
- 83** História Oral: Diálogos Possíveis entre Cultura e Oralidade
- 99** INDICE REMISSIVO

VII Encontro Nordestino de História Oral



PROGRAMAÇÃO GERAL

26/10/2009

- 8-12hs Credenciamento
Local: Hall da Reitoria da UFS
- 14-18hs Credenciamento
Local: Hall da Reitoria da UFS
- 19-22hs Conferência de Abertura:
ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS
Profa. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto (Departamento de História/UFPE)
Local: Teatro Tobias Barreto

27/10/2009

- 8-12hs Local: Colégio de Aplicação
MESA REDONDA 1: SERTÃO: HISTÓRIA E MEMÓRIAS
- Prof. Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (UFS)
A Evidência Oral na Escrita da História do Cangaço
- Prof. Dr. Antônio Fernando Guerreiro Moreira de Freitas (UFBA)
Um político, um rábula, um monsenhor, um coronel, um caminhoneiro e um comerciante: vivências para fazer história
- Prof. Dr. Gilmário Brito (UNEB – Campus V)
Memórias e Religiosidades no Sertão Nordestino
- Coord.: Prof. Dr. Hippolyte Brice (UFS)



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

8-12hs Local: Auditório da Reitoria
MESA REDONDA 2: TRADIÇÃO ORAL E HISTÓRIA

Profa. Dra. Jan Hoffman French (University of Richmond/USA)

Os Quilombos e seus Direitos Hoje: Entre a Construção das Identidades e a História

Prof. Dr. José Maurício Arruti (PUC-Rio)
Memória e Etnografia

Prof. Dr. Antônio Montenegro (UFPE)
O Cordel e as Lutas Camponesas

Coord.: Prof. Msc. Bruno Gonçalves Alvaro (UFS)

8-12hs Local: Auditório do CECH
MESA REDONDA 3: MEMÓRIA DA DITADURA MILITAR NO NORDESTE

Profa. Dra. Lucileide Costa Cardoso (UFRB)
Ditadura, Intelectuais, Partidos e Sociedade

Prof. Dr. Muniz Ferreira (UFBA)
As esquerdas e a resistência anti-ditatorial na Bahia (1964-1985)

Prof. José Vieira da Cruz (UNIT)
Memória da Ditadura Militar no Nordeste: lembranças e esquecimentos sobre o movimento estudantil em Sergipe (1964-1985)

Coord.: Prof. Dra. Célia Costa Cardoso (UFS)

VII Encontro Nordestino de História Oral



- 14-18hs Apresentação de Grupos de Trabalho
18-19hs Lançamento de livros
19-22hs Mini-Cursos

28/10/2009

- 8-12hs Local: Colégio de Aplicação
**MESA REDONDA 1: HISTÓRIA ORAL, NARRATIVAS
E TEMPO PRESENTE**

Prof. Dr. Dilton C. S. Maynard (UFS)
História, Memória e horas extremas: reflexões sobre o tempo presente

Prof. Dr. Élio Cantalício Serpa (UFG)
De nação civilização à civilização brasileira: a proposta de Afonso Arinos Melo Franco

Profa. Dra. Nancy Alessio Magalhães (UnB)
Narrativas: oral e visual movimentando identidades

Coord.: Prof. Dr. Marcos Silva (UFS)

- 8-12hs Local: Auditório da Reitoria
MESA REDONDA 2: MEMÓRIAS DAS DITADURAS MILITARES NO CONE SUL

Profa. Dra. Ana Pratesi (Universidad de Misiones - Argentina)
Las paradojas de La Guerra das Malvinas. Ditadura y movilización popular. Antimperialismo y violación de los derechos humanos



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

Profa. Dra. Yolanda Urquiza (Universidad de Misiones - Argentina)

Las redes de articulación política, resistencia, represión y ¿guerra?. en un espacio transfronterizo.

Prof. Dra. Célia Costa Cardoso (UFS)

Ditadura, Partidos e Perseguições Políticas em São Paulo e Sergipe em 1964.

Coord.: Prof. Dr. Augusto da Silva (UFS)

14-18hs Apresentação de Grupos de Trabalho

18-19hs Programação Cultural

19-22hs Mini-Cursos

29/10/2009

8-12hs Local: Auditório da Reitoria

MESA REDONDA 1: ORALIDADE E DIÁLOGOS TRANSDISCIPLINARES

Prof. Dr. Hippolyte Brice (UFS)

Lingüística e antropologia na história oral afro-americana: perspectivas de um diálogo inevitável

Prof. Msc. Ibarê Dantas (UFS)

História Oral e Política: Diálogo com Depoentes

Prof. Dr. José Raimundo Galvão (UFS)

Dona Jana: Uma História, Uma Memória

Coord.: Profa. Dra. Marizete Lucini (UFS)

VII Encontro Nordestino de História Oral



8-12hs Local: Colégio de Aplicação
MESA REDONDA 2: CIDADES, ESPAÇOS E MEMÓRIAS

Prof. Dr. Frank Marcon (UFS)
Práticas e retóricas de identificação e diferença na cidade

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa (UFMG/PB)
A cidade e as memórias revisitadas: de como as memórias (re)inventam cidades

Prof. Dr. Odair da Cruz Paiva (UNESP –Marília)
Migrantes nordestinos em São Paulo (1930-1950) e política de substituição de mão-de-obra. Cafeicultura, industrialização e urbanização

Coord.: Prof. Dra. Célia Costa Cardoso (UFS)

8-12hs Local: Auditório do CECH
MESA REDONDA 3: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Profa. Dra. Terezinha Oliva (IPHAN/SE)
Praça São Francisco, Patrimônio da Humanidade: questões de uma candidatura

Analucia Thompson (IPHAN-RJ)
Memória Oral e IPHAN: fontes, metodologia e reflexões no campo do patrimônio.

Prof. Dr. Gisafran Mota Jucá (UECE)
Diferentes Modalidades de Preservação do Patrimônio: tradição oral, memória social e fotografias

Coord.: Prof. Msc. Claudefranklin Monteiro (UFS)

14-18hs Apresentação de Grupos de Trabalho

18-19hs Programação Cultural

19-22hs Mini-Cursos

VII Encontro Nordestino de História Oral



APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

27 de outubro de 2009 – 14 – 18h

GT - GÊNERO, IDENTIDADE E HISTÓRIA ORAL

Prof. Dra. Janaína Cardoso de Mello

Prof. Ms. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

LOCAL: Sala 1 – CESAD – Didática II

1. *Janaina Cardoso de Mello* - Vozes Femininas do Trapiche – Laranjeiras em foco.
2. *Luciana Rodrigues Ferreira Varejão* - Tecelãs de memórias: o mundo do trabalho das mulheres têxteis recifenses no início dos anos 60.
3. *Marizete Lucini* - Experiência narrativa e memória na constituição da identidade Sem-Terra.
4. *Adriana Marcela Bogado* - Fios de Ariadnes ou mulheres construindo itinerários de participação política em movimentos sociais na Argentina contemporânea.
5. *Maria Rosa do Carmo Oliveira* - As Mulheres Trabalhadoras Rurais Sem Terra: “Participando sem medo de ser Mulher”.
6. *Rosana Falcão Lessa* - Memória, Gênero e Trabalho Fabril em São Gonçalo dos Campos.

GT - LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL: HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA LINGUÍSTICA

Prof^ª. Dra. Raquel Meister Ko Freitag

LOCAL: Auditório do Departamento de História

1. *Raquel Meister Ko. Freitag* - História Oral como Fonte de Pesquisa Linguística.
2. *Aurea da Silva Pereira* - A Voz de uma Centenária: contando as Histórias de Saquinho, Município de Inhambupe, BA.
3. *Salânia Maria Barbosa Melo* - As Festas Cívicas delimitando os Espaços e Propagando os Ideais de Civilidade.



GT - Narrativas e Memórias em comunidades tradicionais

Prof. Dr. Frank Marcon

Prof. Msc. Wellington de Jesus Bomfim

Narrativas e memórias em comunidades quilombolas

LOCAL: Auditório do Departamento de Letras

1. *Carmélia Aparecida Silva Miranda* - Solidariedade e tradição: Laços familiares na comunidade quilombola de Tijuçu-BA.
2. *Maria Ester Pereira Fortes* - Aqui é tudo família: memórias do agave e da cana tecendo a identidade quilombola do Bonfim.
3. *Ana Lidia Nauar Pantoja* - Mulheres e narrativas de expropriação na construção do território étnico em Brejão dos Negros, SE.
4. *Edivania Granja da Silva Oliveira* - As Negras na Luta pelo Território do Quilombo Remanescente Conceição das Crioulas.
5. *Elane Cristina do Amaral* - Nas trilhas da História Oral: Memórias de remanescentes de quilombolas na comunidade "O Grilo" em Riachão do Bacamarte - PB.

GT - ATUAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS E DO TERCEIRO SETOR NO BRASIL: MEMÓRIA, ORALIDADES E DESAFIOS

Prof^ª. Dra. Ely Souza Estrela

Prof^ª. Msc. Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes.

LOCAL: Auditório do CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas)

1. *Kleber Luiz Gavião Machado de Souza; Diogo Francisco Cruz Monteiro e Kléber Rodrigues Santos* - Movimento negro e a redemocratização no Brasil: a atuação de Severo D'Acelino na Educação sergipana.
2. *Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes* - Helvécia: ser quilombola, tornar-se quilombola.
3. *Francisco Fagundes de Paiva Neto* - Integração, conflito e polifonia: reflexões sobre as memórias de um grupo de assentados na Paraíba.

VII Encontro Nordestino de História Oral



4. Joana D'Arc Costa - Dos movimentos sociais às funções institucionais. A consolidação de uma geração.
5. *Ely Souza Estrela - Rompendo a cerca? A atuação da Fundifran junto aos movimentos sociais no Médio São Francisco Baiano.*
6. *Aline da Silva Reis - Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Palmas de Monte Alto-BA: Um Olhar sob a luz das Representações Sociais.*

GT - HISTÓRIA ORAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CULTURA E ORALIDADE

Prof^a Dra. Telma Bessa

Prof^a. Msc. Joelma Tito

Práticas culturais e história oral – Identidades espaciais, festas e religiosidade

LOCAL: Auditório do Núcleo de Pós-Graduação em Educação

1. *Priscila Santos Silva - Memórias e Festa: breve história dos festejos juninos da Rua São João, Aracaju-SE.*
2. *Monica Scarpato Zandonadi - Estudo sobre a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante/ES.*
3. *Edmundo Cunha Monte Bezerra - Migrações indígenas no século xx: memórias e relatos em Pernambuco e na Amazônia ocidental.*
4. *Silvia Correia de Codes - As narrativas maravilhosas em Lençóis (Bahia).*
5. *Ivaneide Barbosa Ulisses - Fonte oral: possibilidade de uma história do queijo em Jaguaribe – Ceará.*



28 de outubro de 2009 – 14 – 18h

GT - GÊNERO, IDENTIDADE E HISTÓRIA ORAL

Prof. Dra. Janaína Cardoso de Mello

Prof. Ms. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

LOCAL: Sala 1 – CESAD – Didática II

1. *Samuel Barros de Medeiros Albuquerque* - “AS FRÄULEINS ESQUECIDAS”: contribuição de Christiane Schnurbein para a história das preceptoras alemãs no mundo lusófono.
2. *Auceia Matos Dourado* - Construção de identidade coletiva: o caso da Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”.
3. *Cristina de A. Valença Cunha Barroso* - Memórias de uma normalista: a cultura escolar feminina das décadas de 1920-1930.
4. *João Paulo Gama Oliveira e Andrea Maria dos Santos Matos* - A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: algumas alunas e muitas histórias.
5. *Néviton Felipe da Silva* - A Biografia como um objeto de estudo em profusão no campo da historiografia educacional brasileira.
6. *Joaquim Tavares da Conceição* - Ampliando o olhar sobre os Internatos.

GT - 45 ANOS DO GOLPE DE 64: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE

Prof^a. Dra. Célia Costa Cardoso

Prof^a. Dra. Lucileide Costa Cardoso.

LOCAL: Auditório do Departamento de História

1. *Gisele Oliveira de Lima* - Salvador na ditadura: luta popular nas ladeiras e baixadas.
2. *José Vieira da Cruz*. Transpassadas por Lembranças e Esquecimentos: Memórias do Movimento Estudantil sobre o Golpe Militar em Sergipe (1964-1985).

VII Encontro Nordestino de História Oral



3. *Lucileide Costa Cardoso* - O Movimento Estudantil no Recôncavo Baiano - 1960/1970.
4. *Humberto Miranda* - Infância e Ditadura Militar: histórias e memórias da FUNABEM
5. *Cristiane Soares de Santana* - Memória e Ação Política: A Experiência de Militantes da Ação Popular na Bahia (1967-1970)

GT - NARRATIVAS E MEMÓRIAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Prof. Dr. Frank Marcon

Prof. Msc. Wellington de Jesus Bomfim

Territórios e identidades em comunidades tradicionais

LOCAL: Auditório do Departamento de Letras

1. *Augusto Ângelo Nascimento Araújo e Danielle Cunha de Souza da Rocha* - As Narrativas Oraís como Patrimônio Imaterial nas Terras de Quilombos: Discurso e Memória na Comunidade de Cajueiro/ Alcântara - Ma.
2. *Nivaldo Osvaldo Dutra* - Território e Resistência Negra no Alto Sertão e Médio São Francisco.
3. *Renata Ferreira de Oliveira* - E tem Caboclo na Batalha: Memória e Identidade Indígena no Planalto da Conquista.
4. *Alexandre Acioli de Lucena Junior, Rodrigo Chaves Vêras e José Bento Rosa da Silva* - Nazaré da Mata: "A terra dos Maracatus" Através das Narrativas dos Brincantes.

GT - O USO DA HISTÓRIA ORAL NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (UECE).

Local: Auditório do CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas)

1. *Luciana de Moura Ferreira* - Olhar, Lembrar e Contar: desvelando histórias da cidade.
2. *Raimundo Nonato Araújo da Rocha* - Professores de História do ensino fundamental e a identidade das cidades.
3. *Marcílio Lima Falcão* - O Cancageiro Jararaca no Imaginário Religioso Mossoroense (1970-2008).



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

4. *Karla Torquato dos Anjos* - Espaço de Memórias: a praça dos leões nas narrativas de Seu Mendes.
5. *Vilarin Barbosa Barros* - Pensando o Cotidiano dos Migrantes Quixadaenses: "Até que Enfim Meu Destino é São Paulo."

GT - HISTÓRIA ORAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CULTURA E ORALIDADE

Prof^a Dra. Telma Bessa

Prof^a. Msc. Joelma Tito

Práticas culturais e oralidade - a literatura, os repentistas, os feirantes

LOCAL: Auditório do Núcleo de Pós-Graduação em Educação

1. *Vanusa Mascarenhas Santos* - O Auto da compadecida: (re)inventando e atualizando discursos instituintes do popular, do Nordeste e da nação.
2. *Joelma Tito da Silva* - Tradição oral e prática ceramista em uma comunidade rural negra no sertão do Rio Grande do Norte
3. *Andréa Betânia da Silva* - Repentistas: portadores de uma arte.
4. *Samara Kelly Xavier e Silva* - A peleja de zé enxada e o senhor capital: história oral de trabalhadores rurais do sertão de Inajá-Pernambuco.
5. *Giovanna de Aquino Fonseca Araújo* - A experiência da classe feirante rememorada na oralidade.
6. *Josiane Thethe Andrade* - Butiques rurais: as vendas e suas representações imagéticas.

VII Encontro Nordestino de História Oral



29 de outubro de 2009 – 14 – 18h

GT - GÊNERO, IDENTIDADE E HISTÓRIA ORAL

Prof. Dra. Janaína Cardoso de Mello (UFS)

Prof. Ms. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque (NMU-UFS).

LOCAL: Sala 1 – CESAD – Didática II

1. *Edicarla dos Santos Marques* - OS “CÃO” E O “BLOCO DAS ALMAS”: Representações de gênero no carnaval de Amargosa, 1940-1980.
2. *Rosilene Dias Montenegro* - Memórias e histórias das Mulheres na Ciência e Tecnologia: Relações de Gênero na Escola Politécnica (1952 a 1979).
3. *Maria Jorge dos Santos Leite* - CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: uma história de mulheres.
4. *Janielly Souza dos Santos* - Experiências que povoam, corpos que inscrevem: relações de gênero nos “farrós” das ‘Braúna’.

GT - 45 ANOS DO GOLPE DE 64: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE

Profª. Dra. Célia Costa Cardoso

Profª. Dra. Lucileide Costa Cardoso

LOCAL: Auditório do Departamento de História

1. *Márcio Ananias Ferreira Vilela* - Questões da Memória, Política e Religião: O Comprometimento entre a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Regime Militar (1964-1974).
2. *Luciane Silva de Almeida* - “Somos Conservadores!”: alianças entre a Igreja Batista e o Governo Militar na Bahia.
3. *Arlene Xavier Santos Costa* - Memória, Cidadania e Oralidade: Organização e Pesquisa no Acervo da Delegacia de Ordem Política e Social da Paraíba (Dops-Pb).
4. *Pablo Francisco de Andrade Porfírio* - Memórias da Anistia e da Redemocratização do Brasil. (1979-1985)
5. *Célia Costa Cardoso* - (Re)significações da memória de Seixas Dória em Sergipe.



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

GT - NARRATIVAS E MEMÓRIAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Prof. Dr. Frank Marcon

Prof. Msc. Wellington de Jesus Bomfim

Comunidades tradicionais: linguagens e narrativas

LOCAL: Auditório do Departamento de Letras

1. Rubens Araujo de Carvalho - *Resgatando o Samba de Coco através da História Oral do Povoado de Areia Branca.*
2. Daniel Francisco dos Santos - *Memória, Tradição oral e Sobrevivência em uma comunidade de Carpinteiros navais no Litoral do Bahia.*
3. Luciane Aparecida Goulart - *Memórias da Comunidade de Imigrantes Europeus da Vila de Monte Verde – MG.*
4. Antonio Ricardo Pereira de Andrade - *Potiguaras e Caiçaras: Transformações sócio-ambientais nos discursos de duas populações tradicionais.*
5. Luciana de Castro Nunes Novaes - *O silêncio como elemento da linguagem ritual: Um estudo do ritual contemporâneo às Yia mi Agbá no Ilê Axé Torrundê em Salvador, Bahia.*

GT - O USO DA HISTÓRIA ORAL NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (UECE).

Local: Auditório do CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas)

1. Hugo Romero Cândido da Silva - *Memórias de um Lugar: transformações espaciais na cidade de Caicó-RN(1970-1990).*
2. Nilson Almino de Freitas - *Percepções da Cidade e Narrativas do espaço a partir do bairro Alto da Brasília em Sobral (CE)*
3. Leno José Barata Souza - *Narrativas Oraís Propondo Cidades*
4. José Eudes Alves Belo - *As Práticas Culturais Cotidianas na Cidade de Garanhuns nos A nos 1950.*
5. Paulo Sérgio Maroti - *A Memória Como Instrumento de Avaliação de Impactos Ambientais: estudo de caso do açude Marcela em Itabaiana (SE).*

VII Encontro Nordestino de História Oral



GT - HISTÓRIA ORAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CULTURA E ORALIDADE

Prof^a. Dra. Telma Bessa (UFC)

Prof^a. Msc. Joelma Tito (UFRN - Caicó).

Local: Auditório do Núcleo de Pós-Graduação em Educação – Didática II

Abordagens metodológicas da história oral

1. *Juliana Michaello M. Dias e Walcler De L. Mendes Junior - A nova guerra do cangaço: confrontos de discursos cangaço na contemporaneidade.*
2. *Antônio Vital Menezes de Souza - Vídeoformação e memória de professor (a).*
3. *Antonio Hertes Gomes de Santana - O ouvido e o desejado: as dificuldades do historiador com a fonte oral.*
4. *Thiago Ranneiry Moreira de Oliveira - O que nos ensina a História Oral em processos de Educação Ambiental?*
5. *Vinicius Silva Santos - Sociabilidade, cultura juvenil e oralidade.*
6. *Telma Bessa - Tecelões de histórias: os trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias.*

VII Encontro
Nordestino de História Oral



RESUMOS DOS TRABALHOS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES

VII Encontro
Nordestino de História Oral



GÊNERO, IDENTIDADE E HISTÓRIA ORAL

Coordenação: Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello
Prof. Ms. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

"AS FRÄULEINS ESQUECIDAS": contribuição de Christiane Schnurbein para a história das preceptoras alemãs no mundo lusófono.

Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

Doutorando PPGH-UFBA /NMU – UFS

opreceptor@hotmail.com

Em 2003, a pesquisadora alemã Christiane Schnurbein publicou a obra "As fräuleins esquecidas: preceptoras alemãs nos Açores" (SKG Verlag, 2003), editando dezenas de depoimentos colhidos com ex-alunos(as) e descendentes de preceptoras alemãs que atuaram nos meios aristocráticos açorianos. Os depoimentos colhidos e editados por Schnurbein são singulares para compreender o universo da educação feminina e a influência da cultura e da pedagogia alemã nos países de língua portuguesa. Esta comunicação trata da importância do trabalho de Schnurbein para a pesquisa "*Preceptoras alemãs em Sergipe (1860-1920)*", que estou desenvolvendo no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA

Palavras-chave: Preceptoras alemãs, Açores, Sergipe, História da Educação.



Vozes Femininas do Trapiche – Laranjeiras em foco

Janaina Cardoso de Mello

NMU – UFS

janainamello@uol.com

O trabalho parte de um projeto de pesquisa em curso, junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Mulheres (GEPHIM/ CNPq) do Núcleo de Museologia da UFS – *Campus Laranjeiras*. Tem como objetivo principal descortinar as falas das mulheres laranjeirenses sobre o viver em uma “cidade-patrimônio” em função da restauração do antigo *Quarteirão dos Trapiches* pelo MONUMENTA. Suas opiniões, impressões e emoções configuram processos de inter-relação com o local, da construção de identidades plurais e singulares, memórias e representações sociais a respeito de seu viver cotidiano, por isso a importância do resgate e da visibilidade dessas vozes femininas anônimas. Como referencial teórico, as leituras de Rachel Soihet, Stuart Hall, Rosío Fernández Baça Salcedo, dentre outros e a aplicação metodológica da história oral nos caminhos trilhados por Janaina Amado, Marieta de Moraes e Verena Albertti.

Palavras-chave: oralidade, mulher, identidade, Laranjeiras.

Tecelãs de memórias: o mundo do trabalho das mulheres têxteis recifenses no início dos anos 60

Luciana Rodrigues Ferreira Varejão

Mestranda em História/ UFPE

lucianatual@hotmail.com

Estudar o trabalho de mulheres nos remete a inúmeras questões. Não só aos pequenos e muitas vezes maquiados registros de sua atuação enquanto ser social, mas, também, à ausência destes. É nesse sentido que as linhas desse trabalho são tecidas. Nossos estudos são feitos a partir da exploração quantitativa e qualitativa da documentação oriunda do Tribunal Regional do Trabalho e de entrevistas que se complemen-

VII Encontro Nordestino de História Oral



tam. Buscamos nas entrevistas não simplesmente preencher lacunas documentais, mas, sim, perceber como essas trabalhadoras percebem/reconstróem suas memórias quando resolvem enfrentar ao patronato e acionar a justiça em busca de seus direitos, evidenciando-se, assim, como sujeitas ativas na construção de sua própria história.

Palavras-chave: Mulheres, Trabalho, História de Vida.

Construção de identidade coletiva: o caso da Associação de Mulheres "Resgatando Sua História"

Auceia Matos Dourado

Mestre em Economia Rural e Regional - DCF/UFS

auceiamatos@bol.com.br

O objetivo deste resumo é apresentar a experiência da Associação de Mulheres "Resgatando Sua História" situada na comunidade Lagoa da Volta em Porto da Folha - SE. A experiência de sucesso desta Associação é resultado do esforço coletivo de 23 mulheres que têm lutado, desde sua fundação em maio de 2007 (embora já atuassem informalmente há 4 anos), em busca de melhores condições de vida, ainda que enfrentando dificuldades. Dentre os desafios encontrados está o esforço coletivo e contínuo para se manterem organizadas e a convivência com longos períodos de estiagem, já que a Comunidade de Lagoa da Volta situa-se no Alto Sertão Sergipano. Inicialmente foram apoiadas pela Congregação Irmãs da Divina Providência, que tinha como objetivo manter uma convivência amigável, partilhando experiências e conhecimentos, alegrias e dificuldades, a fim de construir um senso crítico diante da realidade local e uma cidadania consciente, atuante e responsável. O estímulo a essa união fez surgir uma experiência rica, que demonstra a autonomia e empoderamento das mulheres rurais, pois, permitiu a mesmas, a diversificação de suas atividades (passavam a maior parte do tempo fazendo serviços domésticos) além da discussão sobre seus problemas, perspectivas de vida e ações coletivas. O sonho inicial das mulheres era organizar uma horta comunitária para o cultivo de produtos orgânicos e plantas medicinais. Sonho que começou a se realizar no final de 2003



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

com a compra de um lote de terras de 03 tarefas (0,9 hectares) com o apoio da Congregação Irmãs da Divina Providência, da Alemanha. No ano seguinte (2004), conseguiram construir a sede da Associação. Para se organizarem melhor, em 2004, as mulheres buscaram ampliar as parcerias e com o apoio do Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC) e da Agência de Cooperação Internacional OXFAM Grã-Bretanha, algumas dessas mulheres passaram a participar de intercâmbios de saberes em âmbito estadual e regional. Esta parceria resultou em várias ações e conquistas, dentre elas um viveiro telado de mudas, criação de galinha caipira, beneficiamento de frutas, verduras e hortaliças (através da produção de doces, geléias e conservas) banco de sementes, remédios caseiros, cisternas para captação de água da chuva, horta orgânica e apicultura. Soma-se a essa assessoria técnica permanente do CDJBC, as ações de alunos e professores da UFS, através do Projeto de Extensão: “O fortalecimento da organização social e do processo produtivo para a garantia da segurança alimentar: uma proposta agroecológica e o papel da extensão rural” que tem primado pela valorização do conhecimento tradicional, fortalecimento da produção agroecológica, sobretudo no controle alternativo de pragas e tecnologias sociais apropriadas de convivência com o semi-árido, trabalhado em parceria através de mutirão. Cabe ressaltar que hoje a Associação esta inserida no mercado local uma vez que comercializa sua produção na feira do povoado. Entretanto, é preciso colocar que enfrentam grandes desafios, entre eles, congregar novas associadas e principalmente a adesão da juventude. Palavras-chave: Identidade, Mulher, Memória.

VII Encontro Nordestino de História Oral



Memórias de uma normalista: a cultura escolar feminina das décadas de 1920-1930

Cristina de A. Valença Cunha Barroso

Doutoranda PPGE/UFBA - MNU-UFS

tina_valenca@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo investigar traços da cultura escolar feminina presentes entre os anos de 1920 a 1930. Período que apresenta algumas características marcantes no campo educacional sergipano como: a luta pela difusão dos serviços públicos, as mudanças dos métodos de ensino e constantes reformas que pretendiam disseminar os valores sociais em conformidade com as novas exigências da sociedade moderna. Essas reformas educacionais continham preceitos que visavam a interiorização de normas de comportamento e que ofereciam à educação feminina a constituição de uma cultura escolar própria, definindo papéis sociais, comportamentos, hábitos e modos de pensar. A partir de depoimentos de ex-normalistas e das suas produções acadêmicas é possível perceber até que ponto as reformas educacionais, como política pública, desenhavam modelos específicos do ser feminino das décadas de 1920-1930.

Palavras-chave: Mulher, Cultura Escolar, Sergipe.

OS "CÃO" E O "BLOCO DAS ALMAS": Representações de gênero no carnaval de Amargosa, 1940-1980

Edicarla dos Santos Marques

Mestranda em História/UEFS. Bolsista CAPES

edistoria@yahoo.com.br

A presente comunicação objetiva apresentar as tensas e dialógicas relações estabelecidas no carnaval de rua da cidade de Amargosa na Bahia, entre o grupo dos "Cão" e o "Bloco das Almas". O primeiro constituído por homens que se trajavam de diabos, na linguagem própria dos depoentes trajavam-se de "Cão", e encenavam pelas ruas amargosenses um



ritual de correr atrás não somente de cidadãos distintos, crianças, pais e freiras, mas também de mulheres que saíam trajadas de almas no bloco homônimo. Portando crucifixos, terços e com seus rostos cobertos pela “cor da pureza”, estas mulheres trajadas de almas encaminhavam-se à porta do cemitério e ajoelhavam-se defronte o mesmo, na madrugada de carnaval. Os “Cão”, inseridos nesta procissão, desfilavam atrás do “Bloco das Almas” ameaçando, com seus laços de sisal, levá-las ao inferno. Composto ainda os dias de carnaval existia o “Bloco do Casamento”, formado por muitas das integrantes do “Bloco das Almas”. Grande parte das mulheres que compunham estes dois blocos era proveniente da Rua dos Artistas, estigmatizada pelas diversas casas de meretrício que lá existiam. Curiosamente, o anonimato possibilitava trânsito ao “Bloco das Almas” o que não ocorria com o “Bloco do Casamento”, rechaçado pelos cidadãos, por estes saberem que suas integrantes eram provenientes da rua dos meretrícios e algumas exerciam realmente a função. “Almas” e “Cão” formavam uma procissão profana nos dias de carnaval e muitas são as representações de gênero que se pode aferir sobre esta prática.

Palavras-Chave: Representações. Gênero, Carnaval.

Experiência narrativa e memória na constituição da identidade Sem-Terra

Marizete Lucini

Doutora em Educação/UNICAMP. DEE/UFS

malucini@hotmail.com

Este texto discute a constituição da identidade individual e coletiva pela narrativa de recortes temporais da história de vida de integrantes do Movimento Sem Terra. As discussões apresentadas constituem parte de nossa pesquisa de doutorado em que investigamos a memória e a história na produção da identidade Sem Terra em um assentamento de Reforma Agrária. Na pesquisa realizada, utilizamos diferentes instrumentos de pesquisa, tais como: a entrevista, a gravação de pronunciamentos em datas comemorativas e festividades diversas. Na análise dos

VII Encontro Nordestino de História Oral



dados coletados nos referenciamos na fenomenologia-hermenêutica, deixando que os testemunhos falassem, evidenciando os processos de identificação que os constituíram. A memória e a história foram dois dos elementos que emergiram nas narrativas como referências identitárias, indicando que a palavra também institui formas de estar e ser no mundo.

Palavras-chave: MST, História de Vida, Memória, Identidade.

A Biografia como um objeto de estudo em profusão no campo da historiografia educacional brasileira

Néviton Felipe da Silva

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe

nevitonfelipe@hotmail.com

O presente trabalho teve como um dos seus principais objetivos trabalhar na perspectiva de operacionalização e caracterização de campos científicos distintos como a História e a Educação e que, diante do foco central de suas discussões conseguiram convergir-se na busca de uma análise conjunta baseada nas intencionalidades que formam uma cadeia de hipóteses postuladas em suas interpretações. Não obstante, fez-se necessário analisar a estrutura dos respectivos campos científicos (História e Educação) no que se refere à definição e a distribuição do capital simbólico que se faz presente entre os agentes que compõem o arcabouço e os mecanismos sociais dessas estruturas, caracterizando a biografia como um mote agregador na apropriação desse tipo de temática através dos acontecimentos, fatos históricos, primeiros registros e observações no que tange à formação, caracterização e desenvolvimento dos estudos na disciplina História da Educação como um campo de suporte epistemológico na constituição do cenário educacional brasileiro.

Palavras-chave: História, educação, campo científico.



Fios de Ariadnes ou mulheres construindo itinerários de participação política em movimentos sociais na Argentina contemporânea

Adriana Marcela Bogado

Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar

adrimarbogado@yahoo.com.br

Nesta comunicação apresentamos alguns resultados de uma tese de doutorado concluída dedicada ao estudo da participação política de mulheres em movimentos sociais da Argentina contemporânea. Utilizando como metodologia de pesquisa a História Oral e Observação Participante, reconstruímos os itinerários de participação política de seis mulheres sob a ótica de suas experiências e memórias, situando essa participação dentro do universo teórico-metodológico das questões de empoderamento e das relações de gênero. O trabalho de campo desenvolveu-se junto a participantes e lideranças do “Movimiento de Mujeres en Lucha” (MML); dos primeiros piquetes (bloqueios de rodovias) no interior do país, e da “Corriente Clasista Combativa” (CCC) na província de Buenos Aires. As trajetórias de Laura, Emma, Norma, Eleuteria, Graciela e María Tereza são reveladoras do impacto do neoliberalismo em diferentes dimensões da vida cotidiana e dão visibilidade a diferentes formas de resistência e luta empreendidas pelas mulheres em uma cultura que lhes restringe o exercício da política. O bairro, a rua, a praça, a rodovia, a fábrica, passaram a ser ocupados e redefinidos como territórios da política. Saíram a protestar porque foram tratadas com injustiça, porque lhes mataram uma filha, porque o patrimônio familiar estava em perigo, porque sentiram que deviam apoiar a luta de outras, porque o marido ficou desempregado, porque elas próprias não conseguiam emprego, porque o salário não dava para viver etc. Paradoxalmente, eram ações ou omissões “masculinas” que, segundo elas, forçavam-nas de tal modo que as obrigavam a sair. Se, por um lado, essa atuação subvertia estereótipos vinculados aos tradicionais papéis de gênero, por outro, se valia desses estereótipos para assegurar a veiculação de suas demandas e a defesa de seus direitos. Na luta, encontraram reconhecimento, fortaleceram suas redes de sociabilidade, se animaram a traçar as próprias vias de empoderamento e continuam aprendendo sobre política na dialética de seus itinerários de vida.

Palavras-chave: Argentina, Mulheres, Movimentos Sociais.

VII Encontro Nordestino de História Oral



A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: algumas alunas e muitas histórias

João Paulo Gama Oliveira

Mestrando/UFS

jpg_oliveira@yahoo.com.br

Andrea Maria dos Santos Matos

Especialista em História Cultural/UFS

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe era pensada por alguns intelectuais sergipanos desde o final da década de quarenta do século XX, contudo suas atividades iniciaram efetivamente em 1951. Tal Faculdade possuía como sua principal finalidade a formação de docentes para o ensino secundário e normal, durante quase duas décadas formou para além de docentes, uma parcela significativa da intelectualidade sergipana de antanho. Nesse sentido, o presente trabalho busca, por meio dos depoimentos de ex-alunas das primeiras turmas desta instituição, investigar quem são as primeiras mulheres a possuírem uma formação de ensino superior em terras sergipanas na área docente. Destaca-se as dificuldades para estas fazerem seus cursos noturnos em meados do século XX e os tabus que enfrentaram para a realização de tal investida.

Palavras-chave: Faculdade Católica de Sergipe, Intelectualidade, Mulheres.



Memórias e histórias das Mulheres na Ciência e Tecnologia: Relações de Gênero na Escola Politécnica (1952 a 1979)

Rosilene Dias Montenegro

Doutora em História/UNICAMP. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
rosilenedm@hotmail.com

A presente comunicação propõe apresentar os primeiros resultados da pesquisa “Memórias e histórias das Mulheres na Ciência e Tecnologia: Relações de Gênero na Escola Politécnica”, no período de 1952 a 1979. Este projeto recebeu o apoio financeiro da FAPESQ/MCT/CNPq, para o período de 2008 a 2010. Pretendemos apresentar algumas das memórias e histórias das mulheres que participaram da Escola Politécnica de Campina Grande, entre 1952 e 1976. A Politécnica foi criada em 1952, tendo como primeiro curso o de Engenharia Civil, e tornada campus da Universidade Federal da Paraíba, em 1960, com o processo de federalização dos cursos e das instituições de ensino superior que se juntariam para criar a Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A Politécnica seria transformada em Centro de Ciência e Tecnologia e no Centro de Humanidades, em 1976. Nessa década já existiam os cursos de Engenharia Elétrica, Sistema da Computação, Matemática, Física e outros mais na área das chamadas ciências “duras” e na das tecnologias. Pretende-se contribuir para a reconstituição da História da Ciência e Tecnologia em Campina Grande, em geral; e para o conhecimento das relações de gênero, em específico, ao investigar acontecimentos e aspectos do cotidiano do campus de Campina Grande. O objetivo é investigar e conhecer aspectos da vida das mulheres que participavam efetivamente da vida acadêmica do campus de Campina Grande no Centro de Humanidades e no Centro de Ciência e Tecnologia, no período de 1952 a 1979, período que abrange quase três décadas e duas gerações de mulheres docentes e cientistas, em um momento singular da história do país e região. Período este em que ocorrem profundas mudanças no tocante à presença e papel das mulheres na sociedade e cultura. Para essa pesquisa tem sido utilizada a metodologia e as técnicas da história oral, sem a qual seria muito mais difícil a investigação proposta.

Palavras-chave: Memória, Mulher, Gênero.

VII Encontro Nordestino de História Oral



As Mulheres Trabalhadoras Rurais Sem Terra: Participando sem medo de ser Mulher

Maria Rosa do Carmo Oliveira
Mestranda/ Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
vermelha_flor@hotmail.com

Este trabalho trata da Participação das Trabalhadoras Rurais Sem Terra na gênese do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, na microrregião Itabuna-Ilhéus no Sul da Bahia, no período de 1990 a 2000. Para tanto, foram utilizadas fontes escritas (documentos e literaturas acerca do tema) e fontes orais (depoimentos de mulheres), e observação participante. Os dados coletados foram analisados com base nas contribuições teóricas da História Social e da História Cultural, e metodológicas com as contribuições da História Oral, na perspectiva de ser um trabalho que compreendesse o universo de significados, motivações, valores e atitudes individuais e coletivas na participação dessas mulheres na gênese do MST. A interpretação parcial do conteúdo dos materiais escritos e a análise das narrativas dos sujeitos entrevistados apontaram para uma influência direta dessas mulheres na constituição, nos processos de luta e decisões políticas relativas à organização do MST nesse território, assim como para a construção da emancipação e da consciência política dessas pessoas, no processo da luta pela terra. O referido texto é parte do trabalho de conclusão de curso de Graduação na UFPB, do qual estamos dando continuidade na Pós-Graduação na Universidade Estadual de Santa Cruz, com estudo sobre a temática de gênero entre os trabalhadoras e as trabalhadoras rurais sem terra. **Palavras-chave:** Trabalhadoras rurais, participação, luta pela terra, MST.



CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: uma história de mulheres

Maria Jorge dos Santos Leite

Doutoranda em Educação Brasileira/UFC.

Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central – FACHUSC

mariajorge.santosleite@yahoo.com.br

O presente trabalho aborda um movimento organizado pela comunidade de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, sertão central de Pernambuco. Trata-se de um grupo de remanescentes de quilombo cujas origens, segundo a história oral, remonta ao final do século XVIII/início do XIX, e têm como referência central a aquisição e posse daquelas terras por seis crioulas. A luta dessa comunidade, nos últimos vinte anos, tem girado em torno do direito à terra, tradicionalmente ocupada pelos seus antepassados, descendentes dessas primeiras crioulas. Dentro dessa luta, vem se processando, simultaneamente, a construção de uma identidade étnica e cultural. Na liderança desse movimento, destaca-se a participação da mulher negra. Este trabalho originou-se de uma pesquisa de campo realizada em Conceição das Crioulas, entre janeiro do ano 2000 e abril de 2001, que resultou na minha dissertação de mestrado intitulada: CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS: terra, mulher e identidade étnica no Sertão de Pernambuco, UFC/2001. No período da pesquisa, me desloquei à área por diversas vezes, oportunidades em que efetuei uma série de entrevistas com as diversas categorias sociais ali identificadas: “negros”, “morenos”, “caboclos”, “índios”, “brancos” e “fazendeiros”. Ao mesmo tempo, fiz o registro de um conjunto valioso de observações, a partir dos contatos que mantive com essas pessoas, quer no convívio do dia-a-dia com as famílias e alguns indivíduos em particular, quer através da participação de encontros organizados pelas lideranças negras.

Palavras-chave: crioulas; mulher; identidade étnica

VII Encontro Nordestino de História Oral



Ampliando o olhar sobre os Internatos

Joaquim Tavares da Conceição

Doutorando/UFBA. CODAP/UFES

jtc@ufs.br

A presença marcante dos internatos na sociedade sergipana e a utilização desse modelo para a formação de uma elite dirigente masculina e na escolarização feminina, sobretudo no final do século XIX e na primeira metade do XX, as suas funções sociais, o funcionamento e as práticas culturais que tiveram lugar nos internatos, constitui-se ainda uma “zona silenciosa” no campo da pesquisa histórica. Mediante tal constatação, este trabalho direciona o olhar para os internatos, articulando as dimensões de cultura, gênero e geração com a utilização das fontes orais para a compreensão desse objeto. O recurso à abordagem cultural permite realizar uma operação histórica de natureza etnográfica, visitando o “mundo do internato” descrevendo e interpretando o espaço, as práticas sociais, as relações de grupo, formas de controle e de hierarquia, atividades coletivas impositivas, entre outras. O internato é um campo com grandes possibilidades para uma abordagem histórica que inclui gênero, pois ele funcionou como espaço para a construção de identidades masculino/feminino e diferenciação entre os sexos. Questões de gênero ajudam a visualizar e interpretar os modelos de comportamento que nortearam a vida de moços e moças no internato, suas singularidades histórico-sociais e culturalmente atribuídas e o “modelo hierárquico” de submissão da mulher. Como as idades, a geração, no sentido de “identidade de posição social”, de pessoas que “vivenciaram determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” também é uma dimensão importante no estudo histórico dos internatos. As diferenças e mudanças sociais e culturais nos internatos nas primeiras décadas do século XX, período de consolidação do modelo colégio internato, e nas décadas de 1960 a 1970, fase da decadência dos internatos em Sergipe, possuem a marca geracional. É preciso interpretar nas fontes, especialmente nas memórias, essas diferenças geracionais marcadas por continuidades e descontinuidades. Na medida em que se busca particularidades culturais do microcosmo dos internatos nem sempre essas fontes



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

respondem aos questionamentos formulados. Diante disso, ressaltasse a importância das fontes orais para “visitar” o cotidiano e dar vozes aos personagens do internato, silenciados nos documentos escritos, principalmente ex-internos e ex-funcionários diretamente ligados aos serviços do internato (inspetores de alunos, lavadeiras, cozinheiros). O uso da oralidade permite o conhecimento de fatos ausentes em documentos históricos e a “forma como o grupo os vivenciou e percebeu”. Os saberes adquiridos e as práticas podem a partir de questões formuladas a ex-internos(nas) adquirirem uma maior densidade. Essa reconstituição de histórias de vida permite que ex-internos/internas se posicionem em relação ao mundo do internato, as transformações de valores e a coexistência de padrões culturais pertencentes a gêneros e gerações distintas. As recordações podem mostrar as diferenças de alimentação, disciplina, organização dos dormitórios, sexualidade, atividades religiosas, entre outras. A operação historiográfica faz a abordagem dos internatos, trabalhando nas margens, descrevendo e interpretando a configuração e vestígios históricos dos colégios-internatos, abordando os sujeitos do internato, o papel social desempenhado pelo modelo, entre outros aspectos.

Palavras-chave: História dos internatos, colégios-internatos, gênero, geração, educação.

Experiências que povoam, corpos que inscrevem: relações de gênero nos “forrós” das ‘Braúna’

Janielly Souza dos Santos

Graduada em História

janiellysouza@yahoo.com.br

Os “forrós” emergem enquanto espaços de sociabilidades produtores de relacionamentos múltiplos. Neste sentido, a busca de construir leituras sobre os corpos masculinos e femininos nos “forrós” das ‘Braúna’, nas décadas de 50 e 60 do século XX, se configura em possibilidade de reflexão histórica interessante. Para o estudo em questão, o uso das narrativas de memórias se faz essencial, partindo da perspectiva que a ‘arte de dizer’ abre o leque de experiências gestadoras de leituras e reflexões

VII Encontro Nordestino de História Oral



sobre estes espaços. Na medida em que os corpos masculinos e femininos são pensados como pergaminhos que inscrevem e estão para ser analisados pelos pesquisadores, estes corpos se propõem como fontes riquíssimas, para o estudo das relações de gênero nos “forrós”.

Palavras-chave: Gênero, História dos “forrós”, Memória.

Memória, Gênero e Trabalho Fabril em São Gonçalo dos Campos

Rosana Falcão Lessa

Mestranda – UEFS

rosana.lessa@ig.com.br

Esse trabalho objetiva-se evidenciar a importância da categoria de análise gênero e da oralidade, que emergiram a partir da década de 70, dando visibilidade ao cotidiano, a partir da análise de várias fontes documentais oficiais e privadas, associadas à História Social, que abriu a possibilidade de entender as dinâmicas sociais, romper com as análises essencialistas sobre as mulheres, desconstruir mitos legitimados pelas análises tradicionalistas da história, assim como perceber as estratégias de sobrevivência das mulheres negras nos pós- abolição. Nesse contexto de alargamentos dos estudos históricos é que surge a possibilidade de trazer à tona o cotidiano das mulheres fumageiras de São Gonçalo dos Campos, que foram as primeiras a buscar o sustento fora do âmbito doméstico, foram protagonistas de várias conquistas sociais na cidade, criaram o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Fumo separadamente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, esse sindicato foi palco de várias discussões e conquistas para esses trabalhadores, indo de encontro aos interesses das elites locais, pois estas se constituíam, na maioria dos casos, de donos de armazéns de beneficiamento do fumo que exploravam o trabalho dos trabalhadores rurais, dando a estes recursos financeiros insignificantes.

Palavras-chave: Memória, Gênero, Sindicalismo.



45 ANOS DO GOLPE DE 64: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ORALIDADE

Coordenação: Prof^a. Dra. Célia Costa Cardoso (UFS)
Prof^a. Dra. Lucileide Costa Cardoso (UFRB)

(Re)significações da memória de Seixas Dória em Sergipe.

Célia Costa Cardoso

Professora Doutora - DHI-UFS

celiacardoso@ufs.br

Estudo da história política de Sergipe a partir da atuação de Seixas Dória no governo do estado. Compreende a sua trajetória como parte integrante de uma rede de relações políticas e sociais que compõem as transformações conjunturais e estruturais do país. O intuito é abordar as (re)significações da memória de Seixas Dória em distintas temporalidades: 1964 e as perseguições políticas que resultaram em sua deposição do cargo de governador do Estado; a memória construída de suas experiências contidas no livro de memória - Eu, Réu Sem Crime (1965); e a análise recente de sua história e da punição arbitrária reconhecida pelo governo brasileiro através dos processos judiciais indenizatórios.

Palavras Chave: Memória, Golpe de 1964, Sergipe.

VII Encontro Nordestino de História Oral



Memória e Ação Política: a Experiência de Militantes da Ação Popular na Bahia (1967-1970)

Cristiane Soares de Santana

Mestre em História Social/UFBA

crysthianesantana@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar as experiências vivenciadas pelos militantes da Ação Popular durante o processo de integração à produção no campo e na fábrica na Bahia entre os anos de 1967 e 1970. Sob a perspectiva da história oral pretendemos resgatar as vivências desses sujeitos históricos participantes dessa prática política que se baseava no envio dos quadros da organização oriundos da pequena burguesia para comerem, viverem e trabalharem com as massas, visando a partir desse contato iniciarem um trabalho de educação, organização e mobilização dos camponeses e operários na luta contra a ditadura militar.

Palavras-chave: Ação Popular, Bahia, Anos 1960-1970.

Questões da Memória, Política e Religião: o Comprometimento entre a Igreja Presbiteriana do Brasil e o Regime Militar (1964-1974).

Márcio Ananias Ferreira Vilela

Mestre em História/UFPE

ananiasvilela@hotmail.com

Este trabalho visa entender as relações de compromisso estabelecidas entre um setor civil nomeado de direita e conservador representado pela Igreja Presbiteriana do Brasil e os militares, que efetivaram o regime de exceção em 1964 no Brasil. Buscamos compreender as ações dessa instituição política e civil (IPB) em concordância com o pensamento corrente do regime militar, entre sua instalação e o período de maior recrudescimento do regime, que ocorreu durante o governo do general Médici, nos anos de 1969 a 1974. Assim, diante de vários depoimentos já realizados, podemos reconstruir inúmeras relações



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

estabelecidas entre a IPB e governo militar. É importante ressaltar, que tais relações estão em constante movimento de significação por uma parcela importante daqueles que vivenciaram de perto estas negociações.

Palavras-chave: Igreja Presbiteriana, Golpe de 1964, Regime Militar.

Memórias da Anistia e da Redemocratização do Brasil. (1979-1985).

Pablo Francisco de Andrade Porfírio

Mestre/UFRJ

pabloporfírio@hotmail.com

Este trabalho dialoga com um novo direcionamento de pesquisa, por meio do qual passamos a investigar a trajetória política de Francisco Julião, que teve amplo destaque pelo trabalho desenvolvido junto às Ligas Camponesas no período anterior ao golpe civil militar de 1964. Porém, interessa-nos pesquisar, com maior atenção, o período em que Julião foi exilado no México, entre 1965 e 1979, bem como o momento de seu retorno e a sua tentativa de reinserção política. Procuramos entender os movimentos de memória realizados por Julião, no sentido de tentar construir um novo lugar social e, sobretudo, político para si no Brasil do final da Ditadura Militar. Analisando as diversas entrevistas concedidas pelo ex-líder camponês entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, buscamos entender como se deu a relação dele com o processo de anistia e redemocratização que se desenvolvia no Brasil.

Palavras-chave: Ligas Camponesas, Golpe de 1964, Memória.

VII Encontro Nordestino de História Oral



Salvador na ditadura: luta popular nas ladeiras e baixadas.

Gisele Oliveira de Lima

Mestre – UFBA

giseleoliveiralima@hotmail.com

O trabalho tem como objetivo apresentar o processo de mobilização e organização dos sem moradia nos últimos anos da década de 1970. Busca discutir o envolvimento de integrantes do movimento de luta pela moradia junto a outros movimentos sociais frente a reivindicações em confronto com o Estado. Esses objetivos serão pautados ao analisar o estudo de caso dos ocupantes da Baixa do Marotinho na cidade do Salvador em 1976. O presente trabalho analisa historiograficamente o processo de ocupação da Baixa do Marotinho e como se desenrolou o engajamento político desse movimento popular com outros setores da sociedade.

Palavras-chave: Luta pela Moradia, Salvador, Bahia, Baixa do Marotinho, Anos 1970.

Infância e Ditadura Militar: histórias e memórias da FUNABEM.

Humberto Miranda

Doutorando UFPE

humbertomiranda@yahoo.com.br

A Ditadura Militar instaurada no Brasil a partir de 1964 também elaborou um projeto político voltado exclusivamente para as crianças e jovens consideradas ameaçadoras da ordem estabelecida. A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor - FUNABEM, instituição criada em 64, inaugurou o modelo de assistência social às crianças que viviam no mundo da pobreza, do abandono ou da criminalidade. Nosso trabalho pretende analisar a problemática do “menor” através das memórias construídas sobre a FUNABEM, instituição que observava os problemas sociais das crianças e jovens como uma questão de segurança nacional.

Palavras-chave: Infância, Golpe de 1964, Menor.



Transpassadas por Lembranças e Esquecimentos: Memórias do Movimento Estudantil sobre o Golpe Militar em Sergipe (1964-1985).

José Vieira da Cruz

UNIT - Doutorando UFBA

josevieiradacruz@uol.com.br

As duas décadas que se seguiram ao golpe de 1964 fazem parte de um passado ainda muito presente. As discussões historiográficas e os estudos relacionados à construção social dessa memória, a partir das contribuições da história oral e dos documentos escritos disponíveis, revelam como as memórias dos estudantes universitários sobre o golpe civil-militar de 1964 foi transpassada por lembranças, ressentimentos e esquecimentos. Compelidos a se amoldarem a uma nova ordem política, o que em termos práticos representou o cerceamento da liberdade de expressão, a censura e a repressão, os estudantes universitários, através do movimento estudantil, persistiram na discussão política com relativa irreverência, um pouco de liberalidade e, sobretudo, revelando diferentes entrelaçamentos sociais. O entendimento das tensões vividas e produzidas por parte da sociedade em Sergipe, em particular pelo movimento estudantil, frente à nova ordem política estabelecida à sombra do golpe civil-militar de 1964, revela um ângulo de análise importante das memórias a respeito deste recente acontecimento visto fora dos grandes centros urbanos do país.

Palavras-chave: História, estudantes, movimento estudantil, Sergipe.

O Movimento Estudantil no Recôncavo Baiano - 1960/1970

Lucileide Costa Cardoso

Professora Doutora - Adjunta da UFRB

lucileidecardoso@terra.com

A pesquisa visa estabelecer um diálogo entre a Universidade (UFRB) e a comunidade do Recôncavo sobre o movimento estudantil da antiga Escola de Agronomia da Bahia (EAB). A Escola, situada na cidade de Cruz das Almas, teve um papel significativo de resistência ao Golpe de 64 e

VII Encontro Nordestino de História Oral



seus desdobramentos. Algumas atitudes repressivas e colaboracionistas também se fizeram sentir, seja pela Direção de forma clara e oficial, ou em algumas atitudes isoladas de professores e da própria comunidade cruzalmansense. O movimento estudantil manteve estreita ligação com os movimentos sociais da região, esteve sempre vinculado aos acontecimentos na capital (Salvador) e suas conexões com o resto do Brasil. A intenção é mapear os diversos interlocutores ainda vivos que permaneceram interessados em manter uma reflexão crítica sobre o período ditatorial. Observamos que no processo rememorativo dos depoentes, veio a tona a história singular do estudante Eudaldo Gomes da Silva, Presidente do Diretório Acadêmico Livre de Agronomia em 1968, militante da VPR e assassinado em 1973 pela repressão comandada por Fleury e o Cabo Anselmo. Seu nome consta na lista dos mortos e desaparecidos políticos. Assim um dos objetivos é recuperar a sua trajetória contribuindo para que saia do anonimato e que a universidade possa, futuramente, promover uma justa homenagem transformando o seu ideal em “lugar de memória”. Para tal fim, buscamos fontes iconográficas, jornalísticas e documentos oficiais da instituição. Utilizamos também os recursos metodológicos da história oral com a intenção de analisar a trajetória de vida dos protagonistas e suas práticas, especialmente as contestações na conjuntura do pré-golpe de 64, no ano emblemático de 1968 e no processo de reorganização estudantil em meados dos anos 70. Palavras-chave: Movimento Estudantil, Anos 1970, Memória, Ditadura Militar.



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

Memória, Cidadania e Oralidade: Organização e Pesquisa no Acervo da Delegacia de Ordem Política e Social da Paraíba (DOPS-PB).

Arlene Xavier Santos Costa

Graduada em História da UFPB

arlenescosta@yahoo.com.br

Apresenta-se o projeto de pesquisa no acervo do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão da Paraíba, no fundo fechado da Delegacia de Ordem Política e Social da Paraíba (DOPS-PB). Atualmente este fundo encontra-se sob custódia da Universidade Federal da Paraíba para processo de organização e digitalização. O objetivo é possibilitar o acesso a informação a particulares que dela precisem para obter direitos bem como a pesquisadores, promovendo assim o fortalecimento da história local e regional. Pretende-se, ainda, a partir do contato com pessoas que procuram o arquivo para resgate de direitos, realizar um trabalho de história oral, com entrevistas que servirão como um contraponto às informações prestadas na documentação. Através desta análise propomos novas formas de pesquisa acerca do regime ditatorial, que, à primeira vista, se mostra amplamente explorado pela historiografia, mas que possui algumas lacunas, sendo uma destas, por exemplo, a falta de análises mais aprofundadas acerca dos seus aspectos estruturais e administrativos, visto que os olhares já traçados enfatizam, na sua maioria, o ângulo da repressão. Tocaremos na questão da pesquisa com fontes orais e documentais e suas adversidades dentro do campo teórico da história.

Palavras-chave: história oral, construção da memória, cidadania, pesquisa histórica.

VII Encontro Nordestino de História Oral



"Somos Conservadores!": Alianças entre a Igreja Batista e o Governo Militar na Bahia.

Luciane Silva de Almeida

Mestranda em Filosofia/UFBA

lu_lu86@hotmail.com

Em 1964, a reação conservadora à agitação social que o Brasil passava à época, atingiu seu ápice com a instalação do Governo Militar. Os batistas em geral, esforçaram-se para demonstrar sua lealdade ao Estado, na medida em que apoiavam irrestritamente o governo ditatorial na tentativa de garantir seu espaço. Na Bahia, tornaram-se verdadeiros aliados do governo conseguindo inclusive ter um dos membros de sua Igreja escolhido para ocupar o cargo de prefeito da cidade de Salvador. Para manter essa relação de confiança lançavam mão da prática da denúncia dos membros da denominação que mostravam-se simpáticos a qualquer projeto social, fosse ele progressista, comunista ou ecumenista, que, aos olhos das lideranças da Igreja, eram iguais por serem carregados de "subversão". O conservadorismo dos batistas atingiu seu auge na questão que envolveu a Igreja Batista Dois de Julho e a Igreja Batista Nazaré, criada durante o início dos anos 70, por ex-membros da União de Mocidade da Igreja Dois de Julho excluídos devido a suas idéias progressistas baseadas no Evangelho Social e suas práticas ecumênicas. O uso de entrevistas foi fundamental para analisar as alianças e conflitos dos batistas baianos no contexto da Ditadura Militar.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Igreja Batista, Bahia.



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

LINGUAGEM NO CONTEXTO SOCIAL: HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA LINGUÍSTICA

Coordenação: Prof^ª. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS)

História Oral como Fonte de Pesquisa Linguística

Raquel Meister Ko Freitag

Doutora - Professora UFS

rkofreitag@uol.com.br

A relação entre linguagem e sociedade tem papel significativo nos estudos linguísticos, no campo da Sociolinguística. Seja de orientação focada para a abordagem sociológica (sociolinguística variacionista) ou para a abordagem mais antropológica (etnografia da comunicação, sociolinguística interacional), a Sociolinguística faz uso de dados linguísticos reais, verídicos, produzidos em contextos igualmente reais e verídicos. Para tanto, a Sociolinguística incorporou a metodologia etnográfica, a qual se destina à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente as tradicionais e de pequena escala, com o procedimento das *entrevistas sociolinguísticas*, caracterizadas pela peculiaridade do método, que visa diminuir/evitar o que Labov (1972) chama de *paradoxo do observador*. O interesse da sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala, ou seja, “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 1972, p. 208). O vernáculo de uma comunidade de fala é a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo, ou com o menor monitoramento possível. Ao falar sobre experiências com as quais se envolveu afetivamente, o falante envolve-se com o tema discorrido e se esquece de monitorar a fala. É esse o contexto de análise que interessa à sociolinguística: o contexto em que o falante fala o seu vernáculo. Nesse sentido, a história oral passa a ser fonte

VII Encontro Nordestino de História Oral



para a pesquisa linguística, ao mesmo tempo em que a Sociolinguística contribui para a coleta e resgate da história oral.

Palavras-chave: História Oral, pesquisa sociolinguística, experiência.

A Voz de uma Centenária: Contando as Histórias de Saquinho, Município de Inhambupe, BA

Aurea da Silva Pereira

UNEB

aureauneb@gmail.com

Nesta comunicação, pretendo apresentar as histórias contada por D. Catarina, 114 anos, considerada a mãe da comunidade de Saquinho por ter sido parteira da comunidade por mais de quarenta anos. Utilizando a metodologia da História Oral, registro as narrativas dessa personagem representativa da tradição da cultura local, com o objetivo de dar destaque à análise das memórias que focalizam os eventos de letramento, bem como os sentidos que tais eventos têm na vida individual e coletiva. Além disso, procuro dar visibilidade à história da comunidade, dos seus primeiros moradores, seus aspectos culturais e identitários, que demarcam a ambiência dessa comunidade rural e sua convivência com a tradição de oralidade e letramento.

Palavras-chave: Memória, Velhice, Bahia.



As Festas Cívicas Delimitando os Espaços e Propagando os Ideais de Civilidade

Salânia Maria Barbosa Melo

UEMA/UESPI

salaniamelo@yahoo.com.br

As lembranças de professoras aposentadas, trazidas para análise pelas técnicas de História Oral, e a imprensa escrita da cidade de Teresina da Era Vargas nos dão a dimensão cultural das festas que aqui aconteciam, desde as cívicas até as escolares, religiosas e populares. Santos e santas eram festejados de janeiro a dezembro consagrando o calendário litúrgico e a religiosidade piauiense. As festividades cívicas iam, à medida que era festejada cada data, criando outros calendários na cidade. As comemorações cívicas exaltavam os heróis e reafirmavam as datas antes criadas como o Dia da Árvore, o Dia do Piauí, Dia da Juventude, Dia do Pan-Americano, Dia da Bandeira, Semana da Pátria, Dia da Independência e novas datas que surgiam ano após ano. A rua era o espaço eleito para a apresentação das celebrações, o palco onde quase tudo podia acontecer e local de exibição das profissões e da escola. O século XIX marcou significativamente a memória piauiense na construção do gosto e da estética pelas comemorações, neste sentido Teresina possuía espaços que demarcaram o sentido do sagrado e do profano. O sagrado se edificando no cotidiano, com as procissões como a de Bom Jesus dos Passos, a construção das capelas e das igrejas, por exemplo, e as festas dos padroeiros como a de Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora das Dores e São Benedito. À medida que se avança no século XX, este espaço considerado sagrado vai aos poucos mudando, deixando mostrar as fendas de uma homogeneidade ilusória. O que antes era sagrado vai tornando-se profano, o cívico começa a ser cultuado criando novas tradições.

Palavras-chave: Festas cívicas, tradição, civismo.

VII Encontro Nordestino de História Oral



NARRATIVAS E MEMÓRIAS EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

Prof. Dr. Frank Marcon (UFS)

Prof. Msc. Wellington de Jesus Bomfim (NEAB/UFS)

Solidariedade e tradição: Laços familiares na comunidade quilombola de Tijuacu-BA.

Carmélia Aparecida Silva Miranda

Doutora – UNEB/FACESB

carmelia15@hotmail.com

A presente pesquisa tem como objetivo discutir sobre a rede de ajuda mútua e de solidariedade, através do casamento e das relações de parentesco, entre os residentes da comunidade negra rural de Tijuacu - localizada no Município de Senhor do Bonfim – BA. Segundo os narradores, a maioria dos moradores possui sobrenomes comuns, dividindo-se nas seguintes parentelas: a dos Rodrigues, dos Santanas, dos Damascenos, dos Fagundes e dos Santos. Segundo os registros de terras da segunda metade do século XIX, Felipe Rodrigues da Silva e Joaquim Manoel de Santana foram os antigos donos da Fazenda Lagarto. Assim sendo, é possível levantar a hipótese de que esses sobrenomes advenham desses primeiros proprietários. Em fevereiro de 2000, Tijuacu foi reconhecido como comunidade quilombola pela Fundação Cultural Palmares, após quase uma década de luta. Segundo os depoentes, são as mesmas famílias vivendo nesse distrito secularmente, formando os laços matrimoniais entre parentes. Através da história oral, buscou-se localizar vestígios do passado que refletem no presente e que constituem a história desse reduto rural. A investigação foi buscar nos resquícios da memória as histórias ouvidas e recontadas pelos mais velhos e pelos jovens habitantes de Tijuacu. Palavras-chave: Narrativa, Comunidade negra, Bahia.



Nas trilhas da História Oral: Memórias de remanescentes de quilombolas na comunidade "O Grilo" em Riachão do Bacamarte

Elane Cristina do Amaral

Mestranda – UFPB

enale13@yahoo.com.br

Pensar os quilombos como lugar de resistência é percebê-lo como uma válvula de escape para os negros no período da escravidão no Brasil, e mais que isso, é refleti-lo como espaço em que as relações sociais, religiosas, políticas, econômicas e culturais foram ressignificadas. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é refletir quais as marcas do passado quilombola que permaneceram nas lembranças de velhos e velhas da comunidade o "Grilo" em Riachão do Bacamarte –PB. Utilizar-se-á como recurso o método da história oral por compreendermos o quanto essas memórias são valiosas para nossa pesquisa. Nos apoiaremos, em autores como Verena Alberti, José Carlos Sebe Meihy, Éclea Bosi, Flavio dos Santos Gomes, entre outros. Todavia, faz-se necessário salientar que nossa pesquisa ainda encontra-se em andamento.

Palavras-chave: história oral, quilombolas, memórias.

As Negras na Luta pelo Território do Quilombo Remanescente Conceição das Crioulas.

Edivania Granja da Silva Oliveira

(Especialista em História pela UPE-PE e em Educação/UFRJ-RJ)

No Brasil, os escravos africanos do século XVI até a conquista pela liberdade, participaram de um longo processo de fugas e formação de quilombos como forma de resistência à sujeição do trabalho compulsório. Essa comunicação é sobre uma comunidade remanescente quilombola, reconhecida e titulada, localizada no alto sertão central de Pernambuco, na cidade de Salgueiro – PE, formada no início do século XIX por mulheres na atuação no processo histórico da comunidade. Será considerada toda a complexidade que envolve as formas de resis-

VII Encontro Nordestino de História Oral



tência pela posse de terras, destacando a liderança feminina até os dias atuais pela preservação do território e da cultura dessa comunidade, aponta-se também a luta contra a ideologia dos fazendeiros do sertão nordestino com suas leis, costumes e o predomínio sócio-econômico desse grupo.

Palavras-chave: liderança feminina, quilombo remanescente, identidade e territorialidade.

Aqui é tudo família: memórias do agave e da cana tecendo a identidade quilombola do Bonfim.

Maria Ester Pereira Fortes

Mestre em Antropologia Social – INCRA

ester.fortes@gmail.com

A Comunidade Negra Senhor do Bonfim foi a primeira comunidade remanescente de quilombos a ter seu Relatório Antropológico elaborado pelo Serviço de Regularização de territórios quilombolas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – na Paraíba, após a publicação do Decreto 4.887/2005. Vivendo em terras do Bom Fim, antigo engenho de rapadura da região do brejo paraibano, a comunidade constrói sua identidade quilombola a partir das memórias de trabalho como moradores do engenho. Esta comunicação procurará analisar os elementos acionados por essas memórias para legitimar o grupo como remanescente de quilombo e afirmar seu direito à permanência nas terras onde os mais velhos se estabeleceram há quase noventa anos, viram nascer e crescer seus filhos e os filhos de seus filhos, plantaram suas roças e teceram seus laços de sociabilidade.

Palavras-chave: Comunidade negra, memória, Família.



Resgatando o Samba de Coco através da História Oral do Povoado de Areia Branca

Rubens Araujo de Carvalho

Graduado em Medicina pela FMUSP - Prefeitura Municipal de Aracaju

O trabalho realizado na comunidade do Povoado de Areia Branca, Aracaju, Sergipe, no primeiro semestre de 2009 com o grupo de Samba de Coco local, visando o resgate histórico do grupo e a difusão desta cultura local para as crianças do povoado, consistiu em encontros quinzenais para se realizar ensaios do grupo com a participação de crianças da comunidade na tentativa de sensibilizar os infantes à dança e música tradicionais do povoado, incentivando à participação na roda de dança. Com a participação crescente da comunidade como um todo, o interesse pela história do Samba e, conseqüentemente, pela história do povoado foi crescendo e sendo documentada em vídeo para apreciação de todos os comunitários, através de depoimentos dos moradores mais antigos. Desta maneira conseguimos retratar a comunidade, valorizar o conhecimento tradicional enraizado em seus membros mais tradicionais e difundir seu resultado para uma parcela da população que, de outra maneira, dificilmente teria contato com esse saber.

Palavras-chave: Cultura Popular, memória, samba de côco.

VII Encontro Nordestino de História Oral



As Narrativas Oraís como Patrimônio Imaterial nas Terras de Quilombos: Discurso e Memória na Comunidade de Cajueiro/ Alcântara – Ma.

Augusto Ângelo Nascimento Araújo

Especialista – IFMA-NAA

guto_angelo@yahoo.com.br

Danielle Cunha de Souza da Rocha

Especialista – IFMA-NAA

Este artigo trabalha com o gênero textual Biografia através do qual organiza a memória discursiva dos atores sociais da comunidade de remanescentes quilombolas de Cajueiro em Alcântara – MA. Dessa forma, com base na noção de discurso polifônico, propomos uma reformulação da memória histórica da comunidade a partir da memória individual de cada ator social. Nesse sentido, a análise das condições de produção do retorno atual dessa memória dá-se com base na necessidade presente de relacioná-la com o confronto travado entre as comunidades quilombolas e o Centro de Lançamento de Alcântara, base sul-americana para lançamento de foguetes, após a desocupação, segundo decreto nº 7820 editado pelo governo do Estado do Maranhão em 1986, de uma área de 52 mil hectares de terras naquele município que compreendia duas mil famílias e cerca de dez mil pessoas, entre elas as famílias que formam a referida comunidade. Assim, observamos que a sua memória constitutiva é marcada pela desapropriação de suas terras que em certo sentido equivale à desapropriação de parte de seu patrimônio imaterial. Partindo dessas assertivas, realizamos uma pesquisa participativa através da qual os alunos ali situados aplicaram entrevistas com os moradores mais antigos da comunidade a fim de elaborar uma formulação discursiva do passado para a organização dos sentidos presentes. O nosso método de pesquisa fundamentou-se na análise de textos orais aqui compreendidos como fatos discursivos, situados historicamente. Sob este aspecto, consideramos a oralidade como lugar sócio-histórico de produção e circulação do sentido. Desse modo, a oralidade neste trabalho é tratada como prática discursiva de letramento bem como de compartilhamento



da tradição cultural, crenças e valores da comunidade. Analisamos ainda a memória discursiva dos atores sociais mais antigos a partir de sua materialidade lingüístico-discursiva tanto como elemento constituinte da identidade daquela comunidade quanto de sua integração social. Pretendemos com este trabalho conferir um espaço legítimo de produção de sentido aos remanescentes quilombolas da comunidade de Cajueiro através da institucionalização de seu saber oral, historicamente produzido. Com isso, as suas narrativas orais são responsáveis pela construção narrativa da “versão” histórica daquele grupo social. Partindo desse pressuposto, com base em suas narrativas orais, conforme Certeau (1992) objetivamos gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir no presente uma razão. Além disso, este empreendimento tem a função de proporcionar à comunidade que se torne outra em relação a si mesma, não só através da narrativa oral da história, mas também do processo pelo qual se engendram as mudanças na História.

Palavras-chave: Biografia. Patrimônio imaterial. Memória discursiva. Comunidade Quilombola.

E tem Caboclo na Batalha: Memória e Identidade Indígena no Planalto da Conquista.

Renata Ferreira de Oliveira

Graduada - UESB

O presente trabalho é o resultado parcial de uma pesquisa em andamento e tem por objetivo discutir a descendência indígena na região da Batalha, situada na Zona Rural do município de Vitória da Conquista Bahia, tendo em vista a presença das comunidades residentes e que se auto-define como originárias das tribos indígenas que habitaram a região. Ainda propõe-se a analisar os conflitos marcantes na História de vida dos atuais habitantes, bem como os processos de resistência definidores da identidade e da tradição dos grupos estudados. É na revisitação da memória, presente na rede de transmissão oral da Batalha, que essa pesquisa se concentra, como tentativa de propor um en-

VII Encontro Nordestino de História Oral



contro com os registros dessa memória no tempo presente. A MEMÓRIA REVISITADA à colonização do Sertão da Ressaca significou a expulsão dos indígenas de suas terras e o dismantelamento de suas tribos. Embora a conquista do autóctone tenha efetivado, inúmeros foram os conflitos e diversos os meios de resistências desenvolvidos pelos povos originários, ainda hoje bem latentes. Comunidades como as da Batalha são quadros vivos que expõem as várias faces dessa resistência diante da expansão das bandeiras colonizadoras. Não obstante, a relevância desta pesquisa se dá pelo propósito de registrar a história de vida dos moradores da Batalha na atualidade, e que descendem dos nativos ali quase que totalmente dizimados. A preservação étnico-cultural de comunidades tradicionais pode ser identificada a partir das relações que se estabelecem no conjunto do grupo, quando definem o jeito de viver inserido numa cultura tradicional. A região da Batalha fixa-se nesse contexto, como resultado de um processo de resistência capaz de passar pela história de seu grupo e chegar até os dias atuais. As comunidades de tradição oral sustentam sua História por meio da transmissão de saberes a seus descendentes. Nessa perspectiva, a oralidade possibilita a recuperação das formas de vida, sobretudo, de grupos minoritários, por vezes excluídos e marginalizados. A concepção histórica baseada na tradição cultural é um traço marcante da comunidade da Batalha. A rede de transmissão oral dessa região é povoada pela história do lugar onde habitam, relacionando-a com a História da colonização da atual cidade de Vitória da Conquista na Bahia. Assim, a memória de vida é recuperada a partir de uma leitura que os sujeitos realizam no presente. Lembrar é antes de tudo resolver questões pretéritas, cujas interpretações são fornecidas a partir de um ensaio atual. Palavras-chave: Cultura popular, Bahia, Identidade indígena.



O silêncio como elemento da linguagem ritual: Um estudo do ritual contemporâneo às Yia mi Agbá no Ilê Axé Torrundê em Salvador, Bahia

Luciana de Castro Nunes Novaes

Bacharel e Licenciada em História

decastro.luciana@yahoo.com.br

Este artigo propõe expor em linhas gerais, uma análise etno-historiográfica do Candomblé Jêje-Nagô Ilê Axé Torrundê em Salvador, Bahia, a partir da relação das mitologias sobre as Yia mi Agbá (Ancestrais femininas, Grandes Mães) com a prática oral do silêncio como elemento da linguagem ritual. Dessa forma, o entendimento dos conhecimentos velados pelo segredo na linguagem ritual do Candomblé, necessita atentar aos recursos das metáforas, metonímias, frases incompletas e silêncios, problematizando dessa forma, as discussões teóricas acerca das tradições orais, a partir da reconfiguração de seus conceitos naturalizados cientificamente, como silêncio/palavra falada, oralidade/grafia, tradição/modernidade, possibilitando pensar, a descolonização do conhecimento e a ampliação da oralidade, como conceito sociolinguístico e experiência prática nas religiões afro-brasileiras. Assim, neste trabalho, a linguagem ritual é analisada a partir de inúmeros mecanismos comunicacionais que inibem a sua compreensão, justificadas pela tradição oral atualizadas historicamente na contemporaneidade dos Candomblés Jêje-Nagô soteropolitanos, potencializada por itans, orikis e cânticos, que atribui miticamente o silêncio, o caráter de regulador do axé.

Palavras-chave: Sociedade, linguagem, candomblé, Bahia.

VII Encontro Nordestino de História Oral



Memória, Tradição oral e Sobrevivência em uma comunidade de Carpinteiros navais no Litoral do Bahia

Daniel Francisco dos Santos

Doutor – Professor da UNEB

daf santos@uneb.br

Até meados da década de setenta, a navegação à vela teve muita relevância na ligação entre as cidades do Recôncavo Baiano, do Baixo Sul e de outras localidades litorâneas em sua ligação com a Cidade do Salvador. Esta atividade era responsável por um grande número de postos de trabalhos empregando marinheiros, carpinteiros navais e estivadores. Com o advento do transporte rodoviário, a navegação entrou em declínio, e com ela muitos profissionais ligados a este ofício também desapareceram, principalmente no Recôncavo e na Ilha de Itaparica. Todavia, apenas numa região o ofício da Carpintaria naval ainda sobrevive representando a forma de sobrevivência para um grande número de pessoas. É a região de Valença e da Camamú, ou seja o Baixo Sul da Bahia. A transmissão do ofício da carpintaria naval não existe sistematizada de forma escrita. Ocorre, tal como nas antigas corporações de ofício da Idade Média, através de forma oral, numa relação entre o mestre e seus aprendizes. Esta pesquisa aborda os modos de vida e formas de sobrevivência da Comunidade de Cajaíba do Sul, distrito de Camamú, tendo como foco as relações de trabalho e as formas de transmissão de conhecimento do ofício da carpintaria naval.

Palavras-chave: Memória, oralidade e trabalho.



Território e Resistência Negra no Alto Sertão e Médio São Francisco.

Nivaldo Osvaldo Dutra

Mestre - UNEB

nartud@yahoo.com.br

O presente trabalho é resultado das pesquisas desenvolvidas em várias comunidades negras rurais do Alto Sertão e Bacia do Médio São Francisco. Para obtermos essas informações foi utilizado o método da História Oral, sendo feita várias entrevistas com os moradores dessas comunidades. O que apresentamos são resultados parciais bastante significativos, principalmente em relação às experiências de solidariedade, as lutas e resistências pela permanência desses moradores em seus territórios. Destacamos ainda as experiências de enfrentamento na luta pela terra contra grandes proprietários da região, bem como as experiências de negociação junto aos Órgãos e Instituições Públicas a nível regional, estadual e federal, assim como os embates travados para o reconhecimento desses trabalhadores como descendentes de antigos quilombos, condição essa significativa para a demarcação e titulação de seus territórios.

Palavras-Chave: Territórios, Resistência Negra, História Oral.

Memórias da Comunidade de Imigrantes Europeus da Vila de Monte Verde – MG.

Luciane Aparecida Goulart

Especialista em História do Brasil pela FACSUL- UNIME

A Vila de Monte Verde, distrito da cidade de Camanducaia, sul de Minas Gerais é formada por diferentes grupos de imigrantes: letos, alemães, húngaros, italianos, suíços, etc. A partir dos anos 50, o que era uma fazenda e uma região pouco povoada passa a ser uma vila; em 1977 torna-se um distrito da cidade. Há alguns anos, a Vila de Monte Verde já é considerada um dos mais importantes lugares turísticos do sul de Minas. Os primeiros imigrantes de Monte Verde vieram da Europa, a

VII Encontro Nordestino de História Oral



partir da pré-Revolução Russa (havia entre os letos batistas a profecia de que o “dragão vermelho” invadiria a Letônia). Alemães e húngaros vieram como “deslocados” e/ou refugiados a partir da Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Um dos pontos em comum entre estes imigrantes é a passagem por São Paulo, capital ou interior, antes de se fixarem no sul de Minas. A metodologia usada nesta pesquisa foi a da História Oral, com entrevistas gravadas e transcritas e, sempre que possível, com o cruzamento com documentos escritos como jornais e documentos paroquiais. Buscou-se neste trabalho coletar analisar a memória e a identidade dos diferentes grupos de imigrantes que criaram a Vila e que ali ainda vivem. Durante o desenvolvimento do trabalho foi feito um curto histórico do processo migratório para o Brasil, tendo em vista os estudos de S. E. Rapchan e Maria do Rosário R. Salles. E buscou-se ainda entender os processos de conservação e ressignificação destas diferentes culturas no sul de Minas. Outros conceitos como, por exemplo, o de comunidade, deverão ser mais bem estudados. A pesquisa “Identidade e Memória da Comunidade de Imigrantes Europeus em Monte Verde – MG” foi apresentada como monografia da Especialização em História do Brasil para a Facsul-Unime de Itabuna e pretende-se aprofundá-lo numa dissertação de Mestrado.

Palavras-chave: Memória, imigração, Minas Gerais.

Potiguaras e Caiçaras: Transformações sócio-ambientais nos discursos de duas populações tradicionais.

Antonio Ricardo Pereira de Andrade

Doutor em Ciências Sociais - Museu Nacional / UFRJ

O presente trabalho trata do uso da história oral como recurso não diretivo para estudo das transformações sócio-ambientais em populações consideradas tradicionais. Tal recurso tem produzido importantes coleções de discursos nativos que evidenciam uma complexidade e um caráter algo paradoxal envolvendo diversos aspectos ligados à ação humana e à sustentabilidade dos ecossistemas locais. Estes discursos aparentam resultar de uma mediação entre saberes historicamente cons-



truídos por estas populações e a influência da escolarização formal, bem como dos meios massivos na introdução de novas proposições e conteúdos. Entretanto, o caráter difuso dessas instâncias “formadoras de opinião” não permite uma leitura precisa da dimensão de seu “peso” real sobre as peças coletadas, embora se reflitam mais nitidamente nas mudanças nos padrões de produção e consumo atualmente em processo. Analisarei relatos de história oral obtidos em duas amplas pesquisas que realizei relacionando cultura e sustentabilidade. A primeira delas concluída em 1997, acompanhou as mudanças ocorridas em uma pequena vila de pescadores artesanais num ponto “originalmente remoto” da costa nordeste do Brasil, no Estado de Pernambuco, atropelados pela expansão de instalações industriais e turísticas desde a metrópole regional. A segunda experiência, concluída em 2008, envolve os habitantes do território indígena potiguara (índios e não-índios), também na costa nordeste do Brasil, no Estado da Paraíba, na sua maioria agricultores e pescadores sujeitos a pressões integradoras da sociedade envolvente. Palavras-chave: Narrativa, Comunidade, Turismo.

Mulheres e narrativas de expropriação na construção do território étnico em Brejão dos Negros, SE.

Ana Lidia Nauar Pantoja

Doutora – INCRA

ana.nauar@blm.incra.gov.br

A construção e definição de um território étnico em comunidades negras tem se dado por meio de narrativas que colocam em evidência as formas históricas de ocupação territorial. Essa construção, demandada a partir da emergência de direitos territoriais recentes no Brasil, tem exigido dos grupos em questão, um esforço de construção de uma identidade étnica que se atualiza na coletividade e de acordo com padrões de relações tradicionais mantidas através do uso do território. Na comunidade de Brejão dos Negros, Sergipe, essa construção tem se dado por meio de narrativas de expropriação, cujas vozes femininas assumem grande destaque. Intenta-se aqui fazer uma reflexão sobre a maneira como a pro-

VII Encontro Nordestino de História Oral



dução da memória das mulheres se articula com a luta pelo reconhecimento da legitimidade do território em construção e pela garantia dos direitos e acesso ao mesmo.

Palavras-chave: Mulher, Narrativa, Brejão dos Negros (SE).

Nazaré da Mata: "A terra dos Maracatus" Através das Narrativas dos Brincantes

Alexandre Acioli de Lucena Junior

Graduado – UFPE

Rodrigo Chaves Véras

Graduado – UFPE

rodrigochavesveras@yahoo.com.br

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva

UFPE

Essa comunicação oral pretende investigar os possíveis impactos da indústria cultural na organização do brinquedo do maracatu na Zona da Mata Norte de Pernambuco, mais especificamente na cidade de Nazaré da Mata, denominada a "terra dos maracatus". A partir da metodologia da História Oral e de registros fotográficos buscaremos apresentar os diferentes depoimentos dos brincantes acerca da trajetória (continuidades e mudanças) e do cotidiano dos mesmos. Entendemos que a metodologia da história oral possibilita recuperar as histórias silenciadas devido à opressão histórica daquela região, sobretudo por ser um território onde há permanências da monocultura da cana, onde as condições de trabalho aludem à situação de trabalho escravo. Na atualidade, existe uma movimentação em torno do maracatu a partir de políticas públicas proporcionando modificações que as narrativas são capazes de apontar, ou seja, uma relação entre passado e tempo presente.

Palavras-chave: Maracatu, Narrativas, Pernambuco.



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

ATUAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS E DO TERCEIRO SETOR NO BRASIL: MEMÓRIA, ORALIDADES E DESAFIOS

Coordenação: Prof^a. Dra. Ely Souza Estrela
Prof^a. Msc. Liliâne Maria Fernandes Cordeiro Gomes

Movimento negro e a redemocratização no Brasil: a atuação de Severo D'Acelino na Educação sergipana.

Kleber Luiz Gavião Machado de Souza

Graduado em História – UFS e Mestrando em Educação – UFS
kleberluiz.ufs@gmail.com

Diogo Francisco Cruz Monteiro

Graduado em História - UFS e Mestrando em Educação – UFS
diogocruz_21@yahoo.com.br

Kléber Rodrigues Santos.

Graduado em História - UFS e Mestrando em Educação – UFS
kleberrrosantos2004@ig.com.br

A História Oral oferece a possibilidade de resgate de memórias e representações feitas pelos sujeitos no decorrer das diversas posições e trajetórias ocupadas em determinadas instituições, grupos e movimentos. O objetivo desta comunicação é apresentar a trajetória de Severo D'Acelino como fundador do movimento negro em Sergipe, Bahia e Alagoas, mostrando as dificuldades, preconceitos e limitações para a implantação e desenvolvimento dos mesmos na época da Ditadura Militar. Além disso, o texto também visa mostrar como no contexto da redemocratização, as atuações desse militante se voltaram para a elaboração de propostas para a inclusão da cultura negra sergipana nos currículos escolares e também para a publicação de alguns livros dedicados a levar a alunos e professores do estado um conhecimento sobre a cultura afrobrasileira e

VII Encontro Nordestino de História Oral



africana. Portanto, o que se pretende com a efetivação deste estudo é lançar novos olhares sobre as formas como a militância de Severo D'Acelino no movimento negro contribuiu para o desenvolvimento de ações afirmativas no campo educacional, que se refletem na proposição de novas metodologias didáticas para o ensino de temas voltados à cultura afro-brasileira e africana para as escolas de níveis Fundamental e Médio em Sergipe.

Palavras-chave: Movimento Negro, Redemocratização, Severo D'Acelino

Helvécia: ser quilombola, tornar-se quilombola.

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes

Mestre em História Regional e Local – UNEB. Professora auxiliar – UNEB
liufernandesc@yahoo.com.br

Helvécia, distrito de Nova Viçosa, está localizado no extremo sul da Bahia e desde 2005 foi reconhecido pela Fundação Cultural Palmares, como área remanescente de quilombo. A eucaliptocultura se encontra em franca expansão no extremo sul baiano e esta atividade se faz presente em Helvécia desde os anos de 1980. À época de sua implantação, houve por parte de integrantes da comunidade, a esperança de que estaria se iniciando um tempo de progressos e conquistas sócio-econômicas. Com o passar dos anos, as fraturas entre o prometido e o realizado começaram a se fazer visíveis, implicando na experiência de “desmantelamentos” da vida de muitos camponeses, e na tessitura de tensões, resistências e negociações. O objetivo deste artigo é discutir a atuação da Associação Quilombola de Helvécia – AQH, no processo de reconhecimento daquele distrito como área remanescente de quilombo. A partir da realização de entrevistas, analisou-se narrativas e silêncios tecidos pela memória de habitantes do distrito a respeito do que significava viver naquele lugar antes da implantação da eucaliptocultura e como estes indivíduos foram obrigados a se (re)inventarem e a se (re)organizarem, através de estratégias diversas, para viver com o eucalipto.

Palavras-chave: Eucaliptocultura, Memória, Associação Quilombola de Helvécia – AQH, Remanescente de quilombo.



Integração, conflito e polifonia: reflexões sobre as memórias de um grupo de assentados na Paraíba.

Francisco Fagundes de Paiva Neto.

Mestre em Ciências Sociais/UFRN.

chicofagundes@gmail.com

Trata-se de um estudo de caso que privilegiou as narrativas de um grupo de camponeses, cuja atuação pela reforma agrária se deu na década de 1980. Através da produção de fontes orais e do uso da metodologia qualitativa, analisamos as memórias dos camponeses a partir da dinâmica da heterogeneidade política grupal, cuja expressão pode ser associada a noção de “memória dividida”, conforme Portelli. O ato de narrar dos camponeses nos levou a percepção de estratégias de preservação ou de apresentação das memórias como a definição de um capital político/religioso em constante disputa.

Palavras-chave: Camponeses, Reforma Agrária, Conflitos de Memória.

Dos movimentos sociais às funções institucionais. A consolidação de uma geração.

Joana D’Arc Costa

Graduada. Professora - Universidade Tiradentes/SE

joana_unit70@yahoo.com.br

O estudo destaca os movimentos sociais, a saber: estudantis, professores, bancários, mineiros e trabalhadores rurais, que tiveram suas principais lideranças, projetadas no cenário político sergipano. Utiliza como marco teórico o conceito de geração de Delgado (2007), faz referência Otávio Velho, como categoria analítica nas Ciências Sociais. Tem como procedimento metodológico a pesquisa em sites, jornais e depoimentos colhidos nas entrevistas orais. A partir de um breve resgate ao regime militar, instaurado no Brasil em 1964, com a instalação dos militares no governo. Descreve sua repercussão em Sergipe, chegando ao processo de movimentação, mobilização até a redemocratização do país, nos anos

VII Encontro Nordestino de História Oral



pós 80 do século passado. Trata ainda da reordenação dos movimentos sindicais como entidades classistas, voltados para os interesses de suas categorias e preocupados com a formação consciente da sociedade brasileira. Dos cinco movimentos estudados, descreve a trajetória e atuação das principais lideranças nos respectivos movimentos, apontando sua consolidação no espaço legislativo bem como no âmbito das funções de governo. Formando assim um novo bloco de poder na política sergipana.

Palavras-chave: Movimentos Sociais, Regime Militar, Liderança, Política.

Rompendo a cerca? A atuação da Fund ifran junto aos movimentos sociais no Médio São Francisco Baiano

Ely Souza Estrela.

Doutora. Profa. Adjunta da Universidade do Estado da Bahia

Na América Latina, muitos dos movimentos sociais e demais canais/meios de participação cidadã, hoje existentes e atuantes, nasceram ou contaram com o estímulo de organismos vinculados à Igreja Católica, na sua vertente popular (Teologia da Libertação) ou às chamadas Igrejas protestantes históricas, com longo histórico em defesa dos direitos humanos. Por trás da nomenclatura “organismo” temos uma gama de entidades que, geralmente, são incluídas no chamado Terceiro Setor. Termo impreciso, como salienta Ana Cristina Teixeira, mas que ganhou espaço nas mídias e vem sendo aos poucos incorporado pelas bases ou militantes dessas organizações. No Brasil, a atuação do Terceiro Setor se materializa através das Comissões, Pastorais, Associações, ONGs, OCIPs, Fundações, entre outras entidades que, embora possam ter formas de atuação, vinculação e identidade política diferenciadas, têm em seus programas a defesa da participação, da valorização da cidadania e da inclusão social. Neste trabalho busco discutir a relação/vinculação entre Terceiro Setor e os movimentos sociais, trazendo à baila a experiência da Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco – Fundifran - entidade criada, em 1971, pela Diocese de Barra-Bahia,



com o intuito de promover o desenvolvimento social e comunitário da população de uma das áreas mais isoladas e “atrasadas” do sertão sanfranciscano.

Palavras-chave: Fundifran, Diocese de Barra, Terceiro Setor, Movimento Sociais.

Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Palmas de Monte Alto-BA: Um Olhar sob a luz das Representações Sociais.

Aline da Silva Reis

Professora do Instituto Federal Baiano – Campus Guanambi – BA
eafaline@yahoo.com.br

As pessoas tentam adequar suas vidas ao meio em que vivem, de forma que suas necessidades individuais e coletivas sejam supridas. Nesse processo de adequação nem sempre há uma relação positiva para ambos e ao se apropriar de recursos que o ambiente oferece acabamos por degradar o meio. O campo da história ambiental é interdisciplinar e sua originalidade está na forma como insere a sociedade no ambiente e no equilíbrio com que busca sua interação e influência (DRUMMOND, 1991). “Os seres humanos participam dos ecossistemas tanto como organismos biológicos aparentados com outros organismos quanto como portadores de cultura, embora raramente a distinção entre os dois papéis seja precisa” (WORSTER, 1991). Diante disso, torna-se relevante o estudo da relação homem-natureza, bem como seus sentimentos, visões, inquietações e comportamentos perante o meio em que vive. Os questionamentos acerca da atual prática ambiental e a incessante preocupação de solucionar os problemas ambientais que a sociedade enfrenta hoje leva-nos a repensar a prática cidadã e a avaliar a importância da conservação do patrimônio histórico, cultural e ambiental, pela sociedade. A categoria patrimônio se insere numa enorme rede de significados diversificados, inserida em tempos e espaços diferenciados. A palavra de origem latina - “patrimonium” se relaciona à concepção de “herança paterna”, vincula-se também às noções de patrimônio histórico e cultural, onde as lembranças e as memórias caracterizam as identida-

VII Encontro Nordestino de História Oral



des culturais de um determinado povo (FUNARI, 2005, apud, PELEGRINI, 2006). A memória, segundo Jaques Le Goff, (1997, apud, PELEGRINI, 2006) consiste no vínculo existente entre as gerações humanas e seu tempo histórico, levando os indivíduos a se identificarem como sujeitos históricos conscientes dos problemas sociais existentes no próprio meio onde vivem, meio esse considerado um espaço de produção e cultura. Pelegrini (2006) trata das práticas preservacionistas adotadas na América Latina, privilegiando o desafio de associar o reconhecimento de identidades plurais à preservação do patrimônio cultural; destaca ainda como as relações entre ambiente e cultura têm se manifestado nas concepções do patrimônio e norteadas ações na esfera da reabilitação dos núcleos históricos e no âmbito da educação patrimonial e ambiental, tomadas como instrumentos para a construção da cidadania e do desenvolvimento sustentável. Algumas reflexões são apresentadas por ZANIRATO, et al (2006) a respeito do patrimônio cultural, destacando os contornos semânticos historicamente construídos em torno dessa categoria. Palmas de Monte Alto está localizado na região do Sudoeste Baiano, inserido na microrregião de Guanambi, situado na mesorregião do centro-sul Baiano. Possui uma área de 2.789,417 km² e uma população de 21.096 habitantes (IBGE, 2000). O presente trabalho pretende analisar como o patrimônio histórico, cultural e ambiental do Município de Palmas de Monte Alto - Bahia é compreendido e apropriado pelas populações moradoras, tendo como objetivo, identificar os patrimônios históricos, culturais e ambientais mais importantes para a população do município de Palmas de Monte Alto; analisar de que forma esses patrimônios estão sendo apropriados pela sociedade e elaborar a cronologia de uso e apropriação dos três principais patrimônios ambientais do município de Palmas do Monte Alto. E, uma vez percebidos e compreendidos esses patrimônios, verificar se a população os valorizam e os conservam. O estudo se baseará no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), no qual constitui numa técnica de análise empírica quali-quantitativa, baseada num discurso individual quantificável e discursivo, uma vez que o sujeito que fala compartilha idéias de um discurso coletivo de uma determinada sociedade. Baseado nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais (TRS), o DSC busca por meio de questões abertas, obter respostas, transformando tais resultados em repre-



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

sentações coletivas. Os procedimentos metodológicos serão realizados com bases nos seguintes requisitos: levantamento prévio do patrimônio cultural, histórico e ambiental do município; visita e descrição dos principais patrimônios histórico, culturais e ambientais; entrevistas semi-abertas, com amostragens estratificadas por faixa etária, segundo os dados do IBGE (2001), divididas em duas classes e: de 15 a 19 anos e 50 anos ou mais. Em caso de lacunas, usar-se-á fotografias como estratégias nas obtenções de certas representações sociais. Esses dados serão analisados de acordo as variáveis: sexo, tempo de moradia, renda e escolaridade, sendo posteriormente tabulados através de cognições comparadas dos dados obtidos. A construção da cronologia dos três patrimônios ambientais mais citados será feita por meio de coleta e análise de dados secundários, como: mapas, fotos, textos, documentos de arquivos e órgãos públicos, dissertações e teses sobre o tema em estudo. Espera-se que a pesquisa promova um contato dialógico e reflexivo da população local com a natureza, bem como a conservação e valorização dos patrimônios históricos, culturais e ambientais de Palmas de Monte Alto – BA.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Memória, Preservação.



O USO DA HISTÓRIA ORAL NA RECONSTRUÇÃO DA CIDADE

Coordenador: Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (UECE)

Olhar, Lembrar e Contar: desvelando histórias da cidade

Luciana de Moura Ferreira.

Mestranda em História. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

luci__ana__moura__@hotmail.com

A partir da utilização das imagens do álbum “O Centenário” como objeto desencadeador de memórias, pretendemos analisar a cidade de Sobral-CE através da memória dos velhos, para assim entendê-la representada num álbum de fotografias. Como expressão das memórias dos seus consumidores, essa fonte constitui um imaginário sobre a cidade e suas transformações ao longo de suas vidas. As discussões em torno das fotografias, como objeto de memória, será realizada a partir de Koury e Kossoy, relacionando as memórias como partes constituintes do imaginário. As imagens assim como as memórias irão ajudar a compreender a cidade sobre uma nova ótica, livre dos entraves burocráticos e dos deveres e sentimentos de “sobralidade”. Afinal, pensamos as imagens como desencadeadoras de sensibilidades que levam o espectador a outro tempo, um tempo que passou mas continua latente em suas experiências

Palavras-chave: memória, imagens, cidade.



Professores de História do ensino fundamental e a identidade das cidades.

Raimundo Nonato Araújo da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

raimundonatorocha@yahoo.com.br

O objetivo do trabalho é analisar como professores de História do ensino fundamental constroem - a partir do conteúdo disciplinar - relações de identidade com as cidades que moram e trabalham. A investigação foi realizada por meio de um processo de rememoração coletiva, que reunia todos os professores de História de algumas escolas específicas. Cada professor traçava sua história de vida e articulava suas memórias pessoais com as memórias dos demais colegas. O estudo foi realizado nas cidades de Natal, Mossoró e Caicó, todas no Rio Grande do Norte. Os resultados, por um lado, identificam os marcos simbólicos construídos pelos docentes e a percepção de História local que eles possuem; e, por outro, expressa o imaginário desses profissionais sobre a cidade, sobre a memória e sobre o papel do ensino de História na construção de elementos identitários.

Palavras-chave: Ensino de História, Memória, Identidade.

O Cangaieiro Jararaca no Imaginário Religioso Mossoroense (1970-2008).

Marcílio Lima Falcão

Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

limafalcao34@gmail.com

A religiosidade popular tem se configurado como um vasto e importante objeto de pesquisas historiográficas que muito tem contribuído para a compreensão das representações religiosas nos diversos espaços sociais no nordeste brasileiro. Nesse sentido, esta comunicação busca debater sobre as devoções religiosas, espontâneas e populares ligadas ao cangaieiro Jararaca (José Leite de Santana) em Mossoró durante a década de

VII Encontro Nordestino de História Oral



1970. Utilizando-se das narrativas produzidas pelos devotos, busca-se entender a construção da imagem de jararaca como santo popular dentro do imaginário religioso mossoroense.

Palavras-Chave: Oralidade, Religiosidade Popular, Mossoró.

Espaço de Memórias: a praça dos leões nas narrativas de Seu Mendes

Karla Torquato dos Anjos.

Mestranda em História. Universidade Estadual do Ceará (UECE)

karlator4@gmail.com

Ao fazermos uma leitura da cidade enquanto símbolo complexo da existência humana, podemos compreender que a geografia de uma cidade é portadora de significados que estão relacionados aos modos como seus habitantes vivenciaram-na durante os tempos. São então essas experiências os fios que nos conduzem a pensarmos como o cotidiano de Seu Emanuel Mendes, cambista de Jogo do Bicho na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, há mais de vinte anos, se mostra marcado pelo lugar onde trabalha: a Praça dos Leões, como é conhecida na cidade, ou Praça General Tibúrcio seu nome oficial. E é através de suas narrativas que temos acesso a esse cotidiano. Nossa análise no presente trabalho se concentra nas ligações afetivas, nos laços de pertencimento, e no modo peculiar a partir do qual a Praça dos Leões se liga ao Seu Mendes e se inscreve em suas memórias. É assim, dessa matéria que construímos nosso texto.

Palavras-Chave: Memória, Cidade, Sensibilidades.



Pensando o Cotidiano dos Migrantes Quixadaenses: "Até que Enfim Meu Destino é São Paulo"

Vilarin Barbosa Barros.

Mestrando em História. Universidade Estadual do Ceará (UECE).

vilarinbaros@yahoo.com.br.

Ao constatarmos um fluxo migratório de quixadaenses entre os anos de 1980-2000 para São Paulo e escutarmos histórias que parecem "traçar" projetos de vidas, marcados por valores e identificações, mas também por conflitos, sensações e contradições, temos como objeto em nossa pesquisa o cotidiano dos migrantes quixadaenses em São Paulo. Como fontes, utilizamos depoimentos orais, cartas e fotografias, e nesse contexto, usamos, principalmente, a História Oral enquanto metodologia. Tecer uma trama histórica comparando essas fontes, analisando esses vestígios, esses "retalhos" de vidas é um desafio a se constituir, a se construir, porém, até que ponto é possível entender através dessas fontes aspectos do cotidiano desses migrantes em São Paulo? O que essa operação histórica pode revelar de desconhecido de um evento comumente percebido? Como essas idas e vindas se estabeleceram no fim do século XX? Acreditamos que trazer a tona essas histórias de vidas, histórias sentidas por esses migrantes, principalmente com o advento da História Cultural, nos levará a regatar sensibilidades ainda encobertas em nossa contemporaneidade.

Palavras-chave: Cotidiano e migração, História Oral e sensibilidades, História do presente e memórias.

VII Encontro Nordestino de História Oral



O Bairro Alto da Brasília, Sobral-Ce, na Visão dos Seus Moradores

Nilson Almino de Freitas

Doutor em Ciências Sociais. Professor Assistente da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA - Sobral-Ce
nilsonalmino@hotmail.com

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa realizada na cidade de Sobral, localizada na Zona Norte do Estado do Ceará. Os pesquisadores envolvidos já entendem que as percepções da cidade vão além da perspectiva do olhar competente do técnico urbanista que se sustenta em uma lógica funcional e estrutural, supostamente tentando se livrar de uma moral, amparada na noção de cientificidade e de objetividade. Já se sabe que existem outros pontos de vista sobre a cidade, como, por exemplo, a de um morador apaixonado pelo seu lugar que carrega uma subjetividade e uma parcialidade moral que são fundamentais para orientá-lo em sua vivência cotidiana no espaço. Utilizando o recurso metodológico que Magnani (2002) batiza como um “olhar de perto e de dentro” e através de sua articulação com os recursos da História Oral, esse trabalho pretende mostrar a compreensão de modelos de vivências e de práticas cotidianas de moradores apaixonados pelo seu espaço, selecionados em um bairro da cidade. Parte-se do pressuposto que esses registros, todos organizados e tornados arquivos no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME/UVA/Sobral-CE), são fontes importantes para estimular definições da cidade, haja vista que as vidas cotidianas analisadas transcorrem, não só no bairro, mas também em vários espaços da urbe e dependem de seus equipamentos públicos. Dessa forma, procura-se aqui trabalhar com memórias e práticas no sentido de compreender as várias formas de entender as transformações ocorridas na cidade, tendo o bairro Alto da Brasília como foco, assim como compreender como as fronteiras espaciais vão sendo redefinidas e territorializadas através das relações de sociabilidade que vão sendo construídas cotidianamente. Mostra-se aqui que as fronteiras entre bairros não criam barreiras para se pensar um conjunto mais amplo que é a cidade.

Palavras-chave: História Oral, cotidiano, Sobral (CE).



Memórias de um Lugar: transformações espaciais na cidade de Caicó-RN(1970-1990).

Hugo Romero Cândido da Silva.

Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
hugoromeros@yahoo.com.br

A construção da história é resultado do processo de cruzamento dos vários momentos que constituem a vida dos indivíduos como atores sociais. Assim está comunicação tem por objetivo apresentar a partir das narrativas das histórias de vida e dos recursos metodológicos da História oral as transformações pelas quais passou o espaço urbano da cidade de Caicó, localizada na região do Seridó Potiguar, a partir de personagens dos grupos econômicos que vivenciaram o período. Tal cidade durante as décadas de 1970-1990 passou por um cortejo de decadência da economia algodoeira - sua principal economia até então - e a emergência de novas economias urbanas. Assim todo o processo de transformação do espaço urbano ficou marcado na memória dos moradores da cidade, sendo possível sua (re) construção.

Palavras-chave: História de vida, Sertão, Rio Grande do Norte.

Narrativas Oraís Propondo Cidades

Leno José Barata Souza.

Mestre em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
lenojbarata@ig.com.br

Esta comunicação é resultado da pesquisa de doutorado que discute a cidade de Manaus entre os anos de 1920 e 1966, a partir das narrativas oraís.

VII Encontro Nordestino de História Oral



As Práticas Culturais Cotidianas na Cidade de Garanhuns nos Anos 1950.

José Eudes Alves Belo

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestrando em História
eudes_contadordehistorias@hotmail.com

As práticas culturais cotidianas (re)significam as paisagens urbanas abrindo campos de possibilidades de suas análises e compreensão. A presente análise elege questões de tempo-espaço específicos - cidade de Garanhuns nos anos 1950; o caminho possível será o das práticas cotidianas; o fio que conduz a trama são as narrativas orais, que juntam-se as outras fontes como jornais, arquivos da igreja e documentos pessoais para formar um desenho da cidade na época. O uso das fontes orais cria a imagem da cidade enquanto espaço vivo, dinâmico, relacionado com as práticas deslocamentos teórico-metodológicos a partir das representações que a localizam como referência, seja estudantil, religiosa, comercial e cultural para a Região do Agreste do Estado de Pernambuco, sentidos estes que questionam as imagens atribuídas à cidade na década de 50.

Palavras-chave: Cultura, cotidiano, Garanhuns (PE).

A Memória Como Instrumento de Avaliação de Impactos Ambientais: estudo de caso do açude Marcela em Itabaiana (SE).

Paulo Sérgio Maroti

Professor Adjunto. Universidade Federal de Sergipe / Campus Prof. Alberto Carvalho.
paulo_teo@yahoo.com.br

Nos últimos tempos temos assistido a imposição de um modelo de desenvolvimento com a afirmação do modo de vida urbano. Esse perfil de crescimento vem produzindo graves efeitos negativos ao meio ambiente, principalmente no que se refere aos recursos hídricos. O município de Itabaiana, localizado no agreste sergipano, não é diferente. O Açude Marcela, construído pelo DNOCS em 1953, teve importante papel para o



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

desenvolvimento econômico do município, principalmente relacionado ao comércio olerícola. Utilizando-se de relatos orais de um ex-presidente do sindicato dos agricultores do Açude Marcela, buscou-se entender os diversos usos do Açude Marcela ao longo do tempo e sua influência no desenvolvimento urbano desse município. Esse trabalho tem importante papel para a gestão municipal, uma vez que tais dados são de fundamental importância para os rumos da transformação desse espaço de comércio para uma futura área de lazer (área definida para tal fim, conforme plano diretor do município).

Palavras-chave: Memória, História Ambiental, Itabaiana (SE).

VII Encontro
Nordestino de História Oral



HISTÓRIA ORAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE CULTURA E
ORALIDADE.

Coordenação: Prof^a. Dra. Telma Bessa (UFC)
Prof^a. Msc. Joelma Tito (UFRN - Caicó)

Telões de histórias: trabalhadores têxteis e a greve de 23 dias.

Telma Bessa Sales

Universidade Federal do Ceará - CNPQ/UFC/FUNCAP
telmabessa1@yahoo.com.br

Este artigo analisa experiências e memórias de trabalhadores da indústria têxtil no Ceará, especificamente, na fábrica Finobrasa, grupo Vicunha, no momento da greve de 1988. A partir das narrativas e interpretações do vivido, apresenta uma abordagem que vê o trabalhador em suas ações e reações, resistências e aceitações e não apenas como espectador ou vítima dos acontecimentos. É um estudo que busca as experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, expressando suas subjetividades e visões de mundo e utiliza a metodologia da história oral.

Palavras-chave: Memória, Trabalho, História Oral.

Estudo sobre a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante/ES.

Monica Scarpato Zandonadi

Ms. Rede EAD Senac-SE
mscarpat@hotmail.com

O presente trabalho tem por finalidade demonstrar a importância das pesquisas em história oral como elementos de criação e relevância nos trabalhos de resgate históricos culturais com base nos resultados de um



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

estudo sobre a imigração italiana no estado do Espírito Santo que deram origem ao Município de Venda Nova do Imigrante. Trata-se de um estudo de história oral realizado através relatos de vida de imigrantes italianos e seus descendentes com o objetivo de conhecer as características e experiências dos imigrantes por sua própria voz e apreender o processo de reconstrução da identidade em um local diverso ao seu país de origem resgatando assim, a memória sócio cultural da cidade de Venda Nova do Imigrante, estado do Espírito Santo – Brasil e a sua criação que se deu com a chegada desses imigrantes vindos de Treviso - Veneto – Itália ao local. O trabalho foi desenvolvido com bases metodológicas na história oral, resgatando assim as histórias de vida, canções e fotografias de famílias para junto aos poucos textos encontrados recuperar informações e compreender um pouco do “entorno sócio-cultural” da cidade e “resgatar a memória visual do homem”, com tão ricas imagens e relatos deixados pelas famílias de imigrantes e seus descendentes que se estabeleceram em Venda Nova. Os resultados desses primeiros estudos foram satisfatórios, tendo despertado o interesse da pesquisadora na recuperação dessa parcela de memória, antes que as informações e os documentos se dispersem ainda mais ou se percam completamente pela ação inexorável do tempo, uma vez que ainda existem materiais “vivos” a serem recuperados através dos relatos orais.

Palavras-chave: História oral, memória, imigração, identidade

A experiência da classe feirante rememorada na oralidade.

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

Doutoranda em História pela UFBA em co-tutela com a Universidade do Minho em Portugal
giovannaaquino@ig.com.br

Neste trabalho abordaremos as categorias históricas e de análise vinculadas a História Social sendo elas: a História Oral, classe social, identidades e a memória, presentes nas feiras livres dos dois lados do atlântico: nortista portuguesa de Ponte de Lima e nordestina brasileira de São Joaquim, localizada em Salvador-BA. Destacaremos por meio de um

VII Encontro Nordestino de História Oral



estudo comparativo esses dois universos, a partir das experiências quotidianas vivenciadas por estes sujeitos em seus respectivos lócus de trabalho. Objectivamos também destacar o universo das feiras não somente como ambiente favorável ao mercantilismo, mas sobretudo, como cenário propício a sociabilidade, diante das relações sociais estabelecidas desde o medievo, como a solidariedade, o apadrinhamento e relações de parentesco; local de perambulações à procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, sociável, como entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades. Lugar onde se evidenciam os encontros, as tradições, as conversas, as compras, vendas e permutas, enfim das múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se dissolvem, se transformam, no dia-a-dia, nas reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana e cidadina. Trabalharemos com os adeptos da História Oral: Joan Del ALCAZAR I GARRIDO, Marieta de M. FERREIRA, Janaína AMADO, Maurice HALBWACHS e Ecléa BOSI, bem como o historiador social E.P.THOMPSON.

Palavras-chave: Memória, Oralidade e Experiência.

Tradição oral e prática ceramista em uma comunidade rural negra no sertão do Rio Grande do Norte

Joelma Tito da Silva

Ms. Universidade Federal do Rio Grande do Norte
joelmatito@yahoo.com.br

Esta comunicação analisa a arte da cerâmica utilitária entre os Negros do Riacho, uma comunidade negra localizada na zona rural do município de Currais Novos/RN, reconhecida, em 2006, como remanescente das comunidades de quilombo, cuja história remonta o século XIX. A arte de fazer a “loiça” em forma de potes e panelas se remete à tradição oral, constitui um artesanato que modela o barro ao mesmo tempo em que carrega sentidos para a memória dos moradores da comunidade, pois ritualiza a ausência dos ancestrais que se fazem presentes pela lembrança. O fabrico da louça é um saber imemorial traduzido nas falas



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

dos moradores como arte dos antigos, saber-fazer dos velhos, elemento de identidade dos “mais novos”. Este trabalho compõe as atividades de pesquisa desenvolvidas durante a realização da minha dissertação de mestrado na Universidade Federal do Ceará, cujo aporte teórico-metodológico baseou-se no uso de fontes orais e na discussão sobre a tradição oral e os usos da memória.

Palavras-chave: Negros do Riacho, memória, arte ceramista.

As narrativas maravilhosas em Lençóis (Bahia).

Silvia Correia de Codes

Mestranda em História-Universidade Estadual de Feira de Santana
silviacodes@hotmail.com

Essa comunicação tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca da pesquisa que começo a desenvolver no Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana. Seu objeto são as narrativas maravilhosas contadas pelos moradores do município baiano de Lençóis, na Chapada Diamantina. As estórias, lendas, contos e casos como o do lobisomem, da mula-sem-cabeça, do cavaleiro dourado, do pote de diamante e das aleivosias, famosas na região, são aqui interpretadas a partir do conceito de maravilhoso, conforme descrito pelo medievalista francês Jacques Le Goff. A utilização específica das fontes orais para o historiador não repousa tanto em suas habilidades de preservar o passado, mas nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado, dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. Nesta comunicação, através do diálogo com as fontes orais e a historiografia especializada, dar-se-á especial atenção a estas narrativas enquanto resultado da apropriação e ressignificação de tradições discursivas e representações imagéticas do catolicismo medieval ibérico.

Palavras-chave: Narrativa, Fontes Orais, Lençóis (BA)

VII Encontro Nordestino de História Oral



Butiques rurais: as vendas e suas representações imagéticas.

Josiane Thethe Andrade

Mestranda em História Regional/Local. UNEB

jothethe@hotmail.com

O povoado rural do Tabuleiro, localizado no município de Mutuípe – BA, tem como uma de suas características marcantes a quantidade expressiva de vendas - estabelecimentos comerciais. Elas estão inseridas na cotidianidade das pessoas do lugar, dando à dinâmica social do lugar outros matizes. Na memória da população local e das pessoas que conviveram ou convivem nessas espacialidades elas aparecem permeando muitas de suas lembranças. Assim, o presente artigo busca analisar, através de fontes orais e imagens fotográficas das vendas, as memórias de práticas e vivências dos indivíduos que frequentavam estas “lojas das roças”, como as definem o escritor Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Sertão, fotografia, oralidade.

O Auto da compadecida: (re)inventando e atualizando discursos instituintes do popular, do Nordeste e da nação

Vanusa Mascarenhas Santos

Doutoranda - Universidade Federal da Bahia

van_masc@yahoo.com.br

Com a emergência de novos meios de comunicação houve uma dilatação da malha textual produtora de imagens da nacionalidade, tornando necessário que os sentidos de brasilidade produzidos fossem compatíveis com os meios e com o público que ora se formava. Nesse intento, fez-se constante a referência à denominada cultura popular nordestina. Buscando compreender como, contemporaneamente, narrativas nacionais têm funcionado como espaço ritualístico que (re)encena valores pertencentes à tradição oral, absorvendo as mudanças inevitáveis e controlando seus riscos, a pesquisa, parte do meu trabalho de doutorado, propõe-se a discutir como o humor e a sacralidade, presentes em narra-



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

tivas orais e cordéis, foram articulados na produção cinematográfica *O Auto da Compadecida*, discutindo as linhas de força que perpassam esta narrativa ao retomar elementos da religiosidade popular, considerados próprios do Nordeste, na plasmação de imagens nacionais (re)inventando e atualizando discursos instituintes do popular, do Nordeste e da nação. Palavras-chave: Cultura Popular, mídia, nação.

Repentistas: portadores de uma arte.

Andréa Betânia da Silva

(Mestre/UEB)

andreabetania@gmail.com

As entrevistas com repentistas trazem à tona o mundo que cerca esses sujeitos, representantes das imbricadas relações entre cultura e oralidade, visto que figuram como portadores de uma arte cujos fundamentos são encontrados na literatura oral. Assim, esse trabalho se propõe a analisar como os elementos relacionados à cultura e à oralidade se fazem presentes numa entrevista fornecida por um cantador. Para tanto, serão utilizados conceitos tais como cultura, identidade, oralidade, memória e história oral. Palavras-chave: Cultura, Oralidade, Memória, História oral.

A peleja de Zé Enxada e o Senhor Capital: História Oral de Trabalhadores Rurais do Sertão de Inajá-Pernambuco

Samara Kelly Xavier e Silva

Graduado UNESP Campus Franca

sammyunesp@yahoo.com.br

O presente trabalho visou estudar através da história oral como trabalhadores rurais do sertão de Inajá em Pernambuco sobrevivem enquanto grupo. Tenta entender como interpretam o seu mundo, dando significados e emoções. Para tal, valeu-se da história oral de vida, porque se acredita que ao narrar sua experiência pessoal maculada pela coletivi-

VII Encontro Nordestino de História Oral



dade, o próprio sujeito reconstrói sua história mediada pela oralista. Para a participação nesse fazer histórico pelo colaborador, foi utilizada sua memória, tida aqui, não como algo estático, mas fluido, e não como um objeto a ser resgatado, porém, construído ou reconstruído através da lembrança. A importância e a relevância do trabalho com a memória do social dos homens e mulheres trabalhadoras do sertão foi em propor uma discussão a partir das lembranças revividas através das memórias, da vida narrada e vivenciada e o estudo do cotidiano. O reviver da memória coletiva e individual desses grupos e indivíduos oprimidos e esquecidos é encarada como uma possibilidade de historicizar o registro da própria experiência vivida dos acontecimentos e fatos históricos. Com isso, um fato primordial que quase todas as narrativas evidenciaram sobre a vida dos colaboradores é a sintetização de suas vidas ligada diretamente ao trabalho e a tentativa de sobrevivência. Por tudo isso, entende-se história oral nessa pesquisa como um trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de sujeitos considerando suas memórias, identidades, saberes e subjetividades, para a produção do conhecimento. Neste processo de intervenção e medição se dá a construção de narrativas e estudos referentes à experiência de pessoas e grupos.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Sertão.

Memórias e Festa: breve história dos festejos juninos da Rua São João, Aracaju-SE.

Priscila Santos Silva

Mestranda em Sociologia UFS

silva_cila@hotmail.com

O trabalho analisa, sob a perspectiva antropológica, os festejos juninos realizados na Rua São João, no bairro Santo Antônio, em Aracaju/SE. Durante décadas a Rua tem sido palco das mais importantes manifestações culturais do ciclo junino aracajuano, dentre elas o casamento caipira e o concurso de quadrilhas juninas. Com base nos estudos da memória social dos festejos, evidenciamos representações sociais sobre a festa, com base nos depoimentos de antigos moradores e frequentadores



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

dos festejos. A proposta metodológica contemplou observação etnográfica, realização de entrevistas, registro fotográfico, e pesquisa documental. No contexto da festa, a Rua São João deixa de ser somente uma rua e passa a ser a Rua da festa, dos encontros, do lazer e das brincadeiras. Evidencio a sua festividade como um espaço para a criação de uma grande rede de comunicação e sociabilidade, favorecendo a formação de grupos, reuniões familiares, amizades, namoros, viagens, trocas materiais e simbólicas entre seus participantes. Os resultados da pesquisa do presente trabalho ajudam-nos a relativizar a imagem da Rua São João como reduto da “verdadeira” ou “mais autêntica” tradição junina da cidade de Aracaju. A história dos seus festejos juninos é marcada por continuidades e descontinuidades, alianças e conflitos. A cada edição a festa se renova para contemplar antigas e novas tradições.

Palavras-chave: Memória, festa, São João, Sergipe.

O que nos ensina a História Oral em processos de Educação Ambiental?

Thiago Ranneiry Moreira de Oliveira
Graduação/História/UFS
tranniery@yahoo.com.br

A Odisséia sem-terra de empreender a gravação das histórias de vida de assentados rurais de projetos de reforma agrária para pensar o seu mundo em sua dinâmica e fluidez. Traçando uma composição que parte das perspectivas de William Pollack e Alistair Thomson e que se soma as posições sobre história, processos de subjetivação, tempo e memória de Michael Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari para olhar para as histórias não como objetos empoeirados largados no fundo de uma tumba inerte, mas como estes fatos e sujeitos se tornam as coisas que são. À beira da pista, correndo na contramão, reformando casas, circulando entre espaços, interrompendo fluxos, propondo vazamentos, corpos cariados, quase monstros, saltimbancos, heróis tortos, dançarinos mascarados de um carnaval qualquer, denunciam que o marginal, os sem eira nem beira que residem à beira da pista, é também uma totalidade

VII Encontro Nordestino de História Oral



enquadrante. Esta inferência permite por em discussão sobre relações entre a prática de História Oral, a coleta de lembranças e o engendramento dos modos de subjetivação discutindo posições teóricas alternativas em Educação Ambiental que ensinam a EA em como fabular, inventar ficções, ser poética, a rir, a roncar surdo, a fazer cinema.

Palavras-chave: Memória, Educação Ambiental, História Oral.

O ouvido e o desejado: as dificuldades do historiador com a fonte oral.

Antonio Hertes Gomes de Santana

Especialização em História Social e Econômica do Brasil/Faculdade São Bento (BA)
hertes_historiabahia@hotmail.com

O objetivo desse trabalho é discutir algumas dificuldades com as quais o historiador tem com as fontes orais, sobretudo no momento de colher os depoimentos. Levando em consideração que grande parte dos historiadores tem hipóteses sobre o tema/assunto pesquisado, buscamos enfatizar o dilema da oralidade, a partir de alguns estudos de caso e de referências teóricas como Ecléa Bosi, J Meihy e M. Pollak. Concluímos que uma das grandes dificuldades do historiador em se trabalhar com a fonte oral é que nem sempre se ouve aquilo que se deseja, ou em outras palavras, nem sempre os relatos sustentam as hipóteses.

Palavras-chave: Fontes Oraís, Memória, História.



Fonte oral: possibilidade de uma história do queijo em Jaguaribe – Ceará.

Ivaneide Barbosa Ulisses

Mestre/FAFIDAM

ivaulisses@yahoo.com.br

A presente proposta ainda é uma perspectiva de pesquisa inicial, oriunda da parceria com a EMBRAPA, buscará analisar a feitura do queijo no município de Jaguaribe no Estado do Ceará o cotidiano dos produtores (donos das fazendas), trabalhadores e ex-trabalhadores envolvidos nos processos de produção e circulação do produto. Tal perspectiva insere-se em uma viável problemática das chamadas novas tendências historiográficas contemporâneas, onde é possível uma elaboração a partir de uma denominada História da alimentação, entendendo o alimento como cultura material, portanto capaz de trazer aspectos socioculturais e simbólicos dos grupos envolvidos nas trajetórias da produção e circulação da iguaria, no caso o queijo do Jaguaribe. Tal preocupação nos obriga coletar diferentes fontes sobre a temática que envolve a memória do município de Jaguaribe acerca da produção do queijo, tais como, documentos escritos (arquivos públicos e pessoais; matérias de jornais), mas a documental oral (entrevistas) é a nossa principal fonte. O Material coletado e sistematizado deverá formar um acervo localizado na sede da FAFIDAM(Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos- Universidade Estadual do Ceará), objetivando a publicação de um texto final com os resultados da pesquisa.

Palavras-chave: Fontes orais, História da Alimentação, Ceará.

VII Encontro Nordestino de História Oral



Vídeoformação e memória de professor (a).

Antônio Vital Menezes de Souza

Doutor/Educação UFS

a.vmsouza@yahoo.com.br

Este trabalho analisa a importância dos estudos sobre as memórias da profissão docente através das histórias de formação de professor (a). Tais reflexões fazem parte da pesquisa em desenvolvimento na Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana, Departamento de Educação, intitulada A Cultura Digital nas Histórias de Formação de Professor (a). Inicialmente, articulo elementos da abordagem (auto) biográfica com as discussões contemporâneas sobre cultura digital de modo a problematizar os elementos sociotécnicos que mais se apresentam no cotidiano de professor (a) através das histórias de formação no exercício da docência. Logo em seguida, destaco análises sobre o processo de reconhecimento, apropriação e utilização pedagógica de aparatos sociotécnicos nas práticas de ensino de professor (a). A metodologia utilizada nessa pesquisa é qualitativa, recorrendo-se à metodologia da história oral temática para o registro oral de histórias pessoais, chamadas aqui de histórias de formação. Essa pesquisa pretende analisar o processo de reconhecimento, apropriação e utilização de aparatos sociotécnicos nas práticas de ensino de professor (a) tendo como finalidade contribuir para o desenvolvimento de intercricas nos campos epistemológicos relacionados à formação de professor (a) no Brasil. Por fim, essa pesquisa procura captar os movimentos de auto-hetero-formação que espelhe a dinamicidade da constituição do conjunto de práticas de ensino e de constituição das histórias de formação de professor (a) através dos impactos que instrumentos oriundos da tecnocultura e/ou das tecnologias da informação e da comunicação provocam nos espaços de trabalho docente. Finalmente, torna-se relevante social e cientificamente porque busca compreender relações que se estabelecem entre as histórias da formação de professor (a) e a produção da cultura da docência constituída através de aparatos sociotécnicos, potentes instrumentos de agenciamento coletivo, simbólico e existencial.

Palavras-chave: Memória, Profissão, Professor, Cibercultura.



Migrações indígenas no Século XX: Memórias e relatos em Pernambuco e na Amazônia ocidental

Edmundo Cunha Monte Bezerra.

Especialista em História UFRPE

edmundomonte@hotmail.com

Durante os anos em que percorremos o ensino básico de História e Geografia no Brasil, e ainda hoje é comum a memorização de conceitos sobre êxodo rural e migração (onde muitos associam logo com imigração). Em ambos os temas, dificilmente os povos indígenas aparecem nas publicações didáticas escolares ou então são “confundidos” como caboclos e sertanejos nessas peregrinações em busca do desconhecido, de dias melhores. É fato corriqueiro entre boa parte da população brasileira e, até certo ponto, nas conversas informais entre estudantes universitários, a visão simplista e quase homogênea que associa os índios como primeiros habitantes do país, que caçavam, pescavam e tinham uma cultura exótica. São idéias e imagens que acabam distanciando a comunicação e o debate mais abrangente, necessários às novas impressões e descobertas no assunto. A presença de alguns desses povos, enquanto sujeitos políticos, trabalhando em regimes assalariado ou de quase escravidão durante o século XX é o tema em discussão deste estudo, que pretende ampliar as apreciações sobre os processos migratórios indígenas em Pernambuco, a partir das memórias dos índios Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção), e também de relatos de situações ocorridas no Acre. Na Amazônia Ocidental os dados foram coletados durante os anos de 2007/2008, através de pesquisa, atividade docente (zona rural e urbana) e vivências.

Palavras-chave: Memórias, índios Xukuru, processos migratórios.

VII Encontro Nordestino de História Oral



A nova guerra do cangaço: confrontos de discursos cangaço na contemporaneidade

Juliana Michaello M. Dias

Mestra UFAL

jumichaello@yahoo.com.br

Walcler de L. Mendes Junior

Doutor - UFRJ

Trata-se de fazer mover territorializações do cangaço contemporâneo. Esse mapeamento não se pretende desvelador da “verdadeira história de Lampião”, mas compreende que o discurso cangaço extrapola o sertão, quer perpassar o agreste, a zona da mata, a cidade, chegar ao “sul”, a capital, subvertendo e contaminando o território nordestino, constituindo-se como parcela de um todo que se quer identidade nacional. O conflito extrapola a linearidade cronológica dos acontecimentos que precipitaram e anunciaram a morte do cangaço, para fazê-lo ressuscitar sob outros termos. Já não trocam tiros e insultos por entre a mata cerrada e os espinhos de mandacarus, volantes, macacos, cangaceiros e facínoras sob a gigantesca sombra de políticos e coronéis por sua vez sombreados pelo gigantismo do Estado Novo. Com muito mais it e circunstância a nova guerra do cangaço estabelece fronteiras, trincheiras, técnicas de guerrilha e combate, pactos e estratégias entre contextos literários desde a academia de letras até os cordéis das feiras livres, entre estudos acadêmicos desde universidades nordestinas que se auto-autorizam território preferencial de descobertas e investigações do tema até intelectuais, historiadores, geógrafos, filósofos, sociólogos, antropólogos, folcloristas, sem esquecer de uma gama de sujeitos discursivos populares” que também se auto-autorizam por vínculo familiar, proximidade territorial ou afetividade com o tema. Dessa exegese discursiva, ao contrário da Bíblia ou do Corão, assiste-se não a epifania de um único texto sagrado e profetizado seja por Padre Cícero, seja por Antônio Conselheiro, ao contrário, assiste-se emergir uma miríade de fragmentos, de contradições de desqualificações do discurso alheio. E cada desautorização alicerça a autorização de um novo texto. O lugar da



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

morte de Lampião, quem matou Lampião, quem detém os direitos da marca, da imagem, da palavra Lampião, quem é a família, os melhores amigos, afinal, quem estaria mais autorizado a dizer cangaço? Perguntas que dificilmente nos atreveremos a responder, mas que nos guiarão por uma rota cangaço que nos reconduz desde Angicos até um Shopping Center na capital paulista onde a neta de Lampião vende a moda cangaço. Estampas, cordéis, quadrinhos, livros, depoimentos e fotografias falam, mais que falam, digladiam-se, apóiam-se na desautorização umas das outras. Vozes em guerra: A nova guerra do cangaço.
Palavras-chave: cangaço, memória, territorialização.

Sociabilidade, cultura juvenil e oralidade

Vinicius Silva Santos

Mestrando em Educação UFS

vinnymil@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo discutir o processo de desenvolvimento das práticas de sociais contemporâneas, cultura juvenil e oralidade. Trata-se de analisar o processo de formação cultural da juventude contemporânea, tomando como referencia os diferentes modos de registros das práticas orais, especificamente aqui, aqueles ligados as experiências estabelecidas entre os individuos sociais e os meios de interação, registro e divulgação oriundos da cultura tecnológica. Esse estudo faz parte do projeto de pesquisa intitulado "O jogo Eletrônico como Objeto de Socialidade" em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação (NPGED/UFS). Essa pesquisa é de natureza qualitativa e tem por base o método etnográfico crítico-constitutivo. A escolha por esse suporte paradigmático dá-se pela elaboração de um estudo interpretativo de pesquisa. Desse modo, são eixos importantes desse estudo: compreender as experiências sociointerativas orais da juventude através de recursos instrumentais de interação social midiática; analisar o processo de apropriação de ferramentas tecnológicas como meio fecundo para o registro da memória oral de tais sujeitos; explicitar a influência das experiências sociointerativas nos processos de apropriação e uso dos

VII Encontro Nordestino de História Oral



aparatos tecnológicos sobre as relações sociais de interação constituídos através da linguagem e registro das práticas orais. Por fim, destaco a importância de compreender as experiências ligadas aos registros orais dos sujeitos contemporâneos, levando em consideração a necessidade de explorarmos novos cenários de relação, pertencimento e vínculos sociais que exigem novos conceitos, novas maneiras de interpretar, analisar os diversos modos de registro das práticas orais juvenis que dão sentidos outros a formação cultural e sociabilidade.

Palavras-chave: Sociabilidade, cultura juvenil, oralidade.



ÍNDICE REMISSIVO

A

Adriana Marcela Bogado	36
Alexandre Acioli de Lucena Junior	67
Alaine da Silva Reis	72
Ana Lídia Naur Pantoja	66
Andréa Betânia da Silva	88
Andrea Maria dos Santos Matos	37
Antonio Hertes Gomes de Santana	91
Antonio Ricardo Pereira de Andrade	65
Antônio Vital Menezes de Souza	93
Arlene Xavier Santos Costa	50
Auceia Matos Dourado	31
Augusto Ângelo Nascimento Araújo	59
Aurea da Silva Pereira	53

C

Carmélia Aparecida Silva Miranda	55
Célia Costa Cardoso	44
Cristiane Soares de Santana	45
Cristina de A. Valença Cunha Barroso	33

D

Daniel Francisco dos Santos	63
Danielle Cunha de Souza da Rocha	59
Diogo Francisco Cruz Monteiro	68

E

Edicarla dos Santos Marques	33
Edivania Granja da Silva Oliveira	56
Edmundo Cunha Monte Bezerra	94
Elane Cristina do Amaral	56
Ely Souza Estrela	71



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

F

Francisco Fagundes de Paiva Neto 70

G

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo 84

Gisele Oliveira de Lima 47

H

Hugo Romero Cândido da Silva 80

Humberto Miranda 47

I

Ivaneide Barbosa Ulisses 92

J

Janaina Cardoso de Mello 30

Janielly Souza dos Santos 42

Joana D'Arc Costa 70

João Paulo Gama Oliveira 37

Joaquim Tavares da Conceição 41

Joelma Tito da Silva 85

José Bento Rosa da Silva 67

José Eudes Alves Belo 81

José Vieira da Cruz 48

Josiane Thethe Andrade 87

Juliana Michaello M. Dias 95

K

Karla Torquato dos Anjos 77

Kleber Luiz Gavião Machado de Souza 68

Kléber Rodrigues Santos 68

L

Leno José Barata Souza 80

Liliane Maria Fernandes Cordeiro Gomes 69

Luciana de Castro Nunes Novaes 62

Luciana de Moura Ferreira 75

VII Encontro Nordestino de História Oral



Luciana Rodrigues Ferreira Varejão	30
Luciane Aparecida Goulart	64
Luciane Silva de Almeida	51
Lucileide Costa Cardoso	48

M

Marcílio Lima Falcão	76
Márcio Ananias Ferreira Vilela	45
Maria Ester Pereira Fortes	57
Maria Jorge dos Santos Leite	40
Maria Rosa do Carmo Oliveira	39
Marizete Lucini	34
Monica Scarpato Zandonadi	83

N

Néviton Felipe da Silva	35
Nilson Almino de Freitas	79
Nivaldo Osvaldo Dutra	64

P

Pablo Francisco de Andrade Porfírio	46
Paulo Sérgio Maroti	81
Priscila Santos Silva	89

R

Raimundo Nonato Araújo da Rocha	76
Raquel Meister Ko Freitag	52
Renata Ferreira de Oliveira	60
Rodrigo Chaves Vêras	67
Rosana Falcão Lessa	43
Rosilene Dias Montenegro	38
Rubens Araujo de Carvalho	58

S

Salânia Maria Barbosa Melo	54
Samara Kelly Xavier e Silva	88
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque	29
Silvia Correia de Codes	86



ORALIDADES, TEMPO PRESENTE E DESAFIOS

T

Telma Bessa Sales	83
Thiago Ranneiry Moreira de Oliveira	90

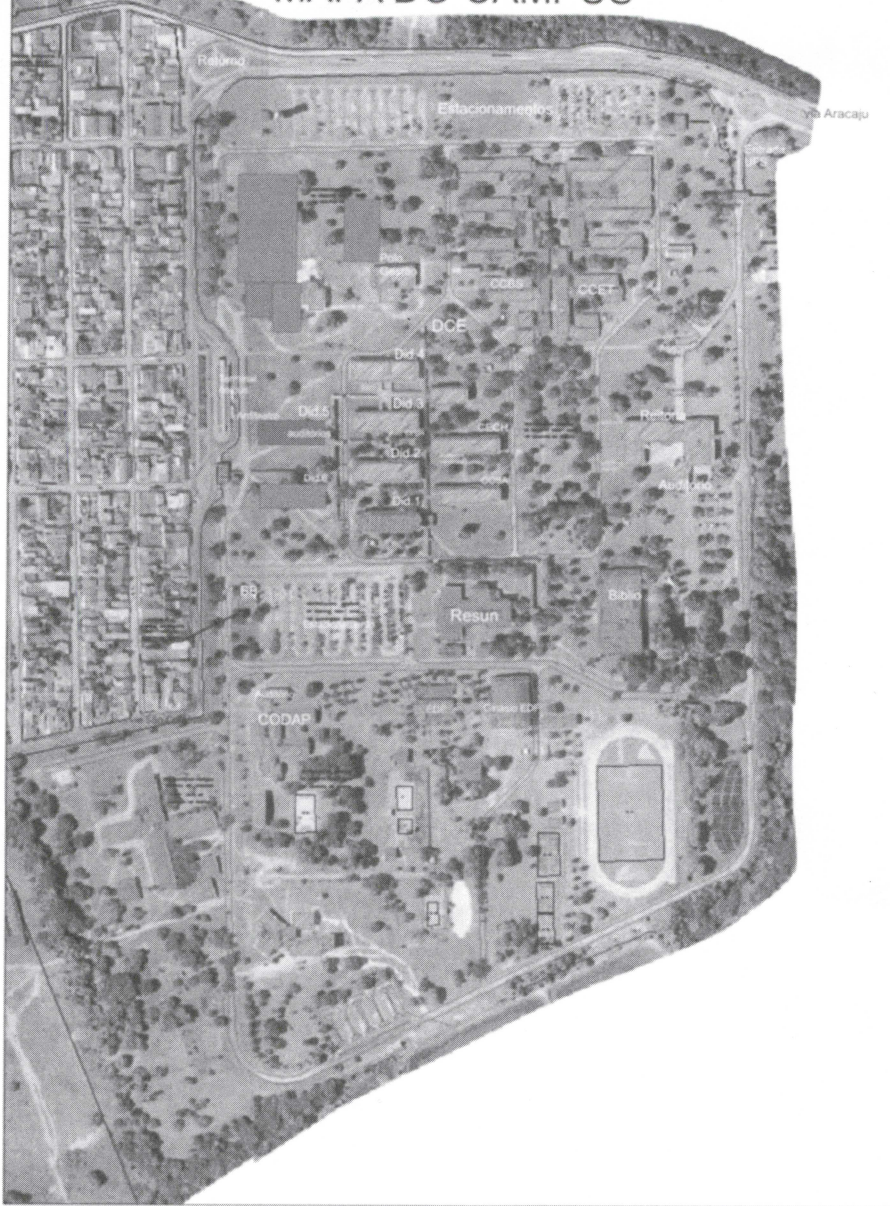
V

Vanusa Mascarenhas Santos	87
Vilarin Barbosa Barros	78
Vinicius Silva Santos	96

W

Walcler de L. Mendes Junior	95
-----------------------------------	----

MAPA DO CAMPUS



8, / 04110

184
185

187

REALIZAÇÃO

Universidade
Federal de Sergipe



Associação Brasileira
de História Oral



Grupo de Pesquisa
História Popular
do Nordeste

HPopnet